

PREÂMBULOS PARA UMA PSICOPATOLOGIA GERAL: KARL JASPERS ENTRE CIÊNCIA, FILOSOFIA E FENOMENOLOGIA

[PREAMBLES TO A GENERAL PSYCHOPATHOLOGY: KARL JASPERS BETWEEN SCIENCE, PHILOSOPHY, AND PHENOMENOLOGY]

Gerson Brea

brea@unb.br

<https://orcid.org/0000-0002-5550-8739>

Possui graduação em Filosofia (Magister Artium) e doutorado em Filosofia (2004) pela Universidade de Augsburg (Alemanha). É professor do Departamento de Filosofia e membro do Programa de Pós-Graduação em Metafísica, da Universidade de Brasília. Interessa-se principalmente por filosofias contemporâneas, especialmente, aquelas de língua alemã. Entre 2015 e 2020 foi professor visitante no Instituto de Ciência Política da Universidade de Regensburg (Alemanha) e, desde 2016, atua como docente na Universidade Técnica de Munique (TUM). A partir de 2022 tornou-se responsável pela disciplina "Filosofia e Sociologia para Engenheiros", na Faculdade Técnica de Ulm (THU).

DOI: [10.25244/1984-5561.2025.7572](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2025.7572)

Recebido em: 3 de novembro de 2025. Aprovado em: 10 de dezembro de 2025

Caicó, ano 18, n. 2, 2025, p. 239-264
ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/1984-5561.2025.7572](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2025.7572)
Dossiê Edmund Husserl - Fluxo contínuo



Preâmbulos para uma psicopatologia geral: Karl Jaspers entre ciência, filosofia e fenomenologia
BREA, Gerson

Resumo: De um lado, o sucesso da psicologia objetiva, voltada exclusivamente ao que pode ser medido e quantificado, mas que, entretanto, ameaça reduzir-se a uma “psicologia sem psique”; de outro, uma psicologia subjetiva, dissonante, carente de método e reflexão, ressentida por não poder oferecer um conhecimento seguro, preciso e comunicável. É nessa tensão que o jovem psiquiatra Karl Jaspers se lança à tarefa de construir uma Psicopatologia Geral: uma psicopatologia que acolhe as explicações científicas, mas coloca no centro a compreensão, seja ela genética ou estática (fenomenológica). Trata-se de alertar contra o perigo das teorizações, as sutilezas dos preconceitos e os limites com que todo psicólogo ou psiquiatra que leve a psique a sério inevitavelmente se depara. Apresentar os principais momentos desse empreendimento é o propósito deste artigo.

Palavras-chave: Compreensão. Explicação. Psicologia. Fenomenologia. Teorização. Karl Jaspers.

Abstract: On the one hand, the success of objective psychology, focused exclusively on what can be measured and quantified, yet threatening to reduce itself to a “psychology without psyche”; on the other, a subjective psychology, dissonant, lacking method and reflection, resentful of its inability to offer secure, precise, and communicable knowledge. It is within this tension that the young psychiatrist Karl Jaspers undertakes the task of constructing a General Psychopathology: a psychopathology that welcomes scientific explanations but places at its center the notion of understanding, whether genetic or static (phenomenological). The aim is to call attention to the dangers of theorization, the subtleties of prejudice, and the limits inevitably encountered by every psychologist or psychiatrist who takes the psyche seriously. This article seeks to recount the main stages of this intellectual endeavor.

Keywords: Comprehension. Explanation. Psychology. Phenomenology. Theorization. Karl Jaspers.

Preâmbulos para uma psicopatologia geral: Karl Jaspers entre ciência, filosofia e fenomenologia
BREA, Gerson

1. Uma preocupação atravessa o *opus* filosófico de Karl Jaspers: de um lado, a insistência em separar rigorosamente ciência e filosofia; de outro, os esforços para sublinhar a importância vital da ciência para a filosofia e da filosofia para a ciência. Quem ignora o que é ciência corre o risco de confundir inadvertidamente os dois domínios, acaba por apresentar como ciência aquilo que pertence à esfera filosófica. Nessa confusão, o que deveria permanecer estritamente no âmbito da filosofia, emergindo das “situações-limite”, da “busca incansável por comunicação” e referindo-se à “existência”, à “liberdade”, à “transcendência” – e que deveria se expressar não como explicação ou compreensão, mas como “apelo”, “discurso indireto” e “cifra” –, passa a ser apropriado como se fosse conhecimento científico sobre algo concreto, individual e com pretensa validade universal.

Por outro lado, quando a ciência se distancia da filosofia, corre o perigo inverso: tende a perder de vista seu verdadeiro escopo. Esquece que se ocupa do “particular”, do “concreto individual” e atreve-se a oferecer respostas e explicações para o todo, pervertendo seu objetivo e abandonando sua esfera de atuação. Nesse desvio, a ciência transforma-se em “superstição científica que não sabe o que é realmente a ciência, acredita que [...] pode apreender o todo da verdade, da realidade e da felicidade, como se tudo o que existe pudesse ser conhecido dessa forma, e nada mais houvesse” – e, assim, termina por obliterar a verdade e a realidade.¹

O presente artigo não pretende, todavia, discutir a relação entre ciência e filosofia na obra filosófica de Karl Jaspers. Busca-se, antes, oferecer elementos para pensar problemas que intrigavam o jovem Jaspers em sua confrontação com a psicologia e a psicopatologia de seu tempo; indicar possíveis motivos que o levaram a se aproximar da fenomenologia e da ideia de compreensão; e mostrar como Jaspers caminhava, desde cedo, entre ciência e filosofia – impelido, de um lado, pelo desejo de elevar a psicologia subjetiva e a psicopatologia ao nível de ciência e, de outro, movido por intuições filosóficas ainda difusas e, por vezes, desconectadas de qualquer fundamentação prévia.

O material para as reflexões e observações aqui desenvolvidas situa-se, fundamentalmente, no período de 1909 a 1913, isto é, naquele breve período da vida de Karl Jaspers em que ele se dedicou integralmente à psicopatologia – seja como psiquiatra, na prática clínica, seja como pesquisador, escrevendo artigos e publicando, sua primeira grande obra, *Psicopatologia Geral*.² É importante ressaltar esse recorte: voltar-se à primeira edição da obra significa tomar distância das incursões filosóficas que viriam a ocorrer posteriormente, especialmente – e de modo muito marcante – a partir da quarta edição, quando Jaspers já possuía uma obra consolidada e era um filósofo internacionalmente reconhecido.

Em outras palavras, este artigo ocupa-se com textos escritos antes de ele assumir a filosofia ‘como profissão’. Não obstante, percebe-se, a partir da consulta a algumas anotações de seu diário, que questões filosóficas – sobretudo com relação ao significado da própria filosofia – já se colocam desde cedo e estão presentes até mesmo quando decide estudar medicina e, provavelmente, dedicar-se à psiquiatria. Também nesse contexto, evitar-se-á, tanto quanto possível, recorrer a escritos autobiográficos, redigidos muitos anos mais tarde e que, como ocorre frequentemente

¹ No original: “[...] *Wissenschaftsaberglaube*, der nicht weiß, was eigentlich Wissenschaft ist, meint [...] das Ganze der Wahrheit und der Wirklichkeit und des Glücks zu greifen, als ob alles, was ist, in dieser Weise erkennbar, zu machen und weiter nichts sei. Er wird blind für Wahrheit und Wirklichkeit” (Jaspers, 1967, p. 66).

As traduções das obras de Karl Jaspers citadas neste trabalho, quando originalmente em alemão, são de minha responsabilidade. Sempre que considerar necessário, particularmente em passagens mais críticas, o texto original em alemão é reproduzido em nota de rodapé. Todos os destaques são do próprio Jaspers.

² Nesse trabalho, não abordaremos seu artigo, publicado em 1913 e intitulado “Über leibhaftige Bewußtheiten (Bewußtheitstäuschungen), ein psychopathologisches Elementarsymptom” [Sobre consciências corpóreas (ilusões de consciência): um sintoma elementar psicopatológico].

Preâmbulos para uma psicopatologia geral: Karl Jaspers entre ciência, filosofia e fenomenologia
BREA, Gerson

neste tipo de literatura, tendem a reinterpretar acontecimentos passados à luz das vivências posteriores.

Por fim, este artigo busca também propiciar ao público de língua portuguesa um primeiro acesso a textos de Jaspers ainda inéditos em tradução – entre eles a primeira edição da *Psicopatologia Geral* (1913), que permanece sem tradução, mesmo em outros idiomas.³

2. Quando consideramos sua produção entre 1909 e 1913, parece, a princípio, não ser difícil classificar o trabalho de Karl Jaspers: trata-se de escritos científicos no campo da psiquiatria. Formado em medicina, com especialização em psicopatologia, só mais tarde Jaspers adentrou o mundo filosófico acadêmico – e começou a produzir vasta obra filosófica. Todavia, ao ler suas anotações bibliográficas ou passagens de seus diários, não é difícil imaginar que Jaspers tivesse optado inicialmente por estudar filosofia ou, já como médico, tivesse preferido continuar na psiquiatria. Ele teve inclusive essa chance, mas seu estado de saúde era muito precário e acabou abandonando a ideia.

Esse é, a propósito, um fator importante para compreender a trajetória de Karl Jaspers – e provavelmente também para entender alguns temas centrais de sua obra filosófica: condições mórbidas marcaram toda a sua vida, desde a infância. Ele tinha dezoito anos quando, de fato, se confrontou brutalmente com a seriedade de seus problemas: dificilmente chegaria aos trinta. Diante do diagnóstico, o jovem decidiu enfrentar, com determinação, aquilo que parecia ser seu destino, esforçando-se com energia e disciplina para levar uma vida equilibrada e repleta de cuidados. Como estudante, inicialmente no curso de Direito, Jaspers começou a experimentar na prática o que seu estado precário de saúde realmente significava: evitar excessos e renunciar a convivência social com seus colegas. Assim, a inclinação de adolescente para buscar refúgio em leituras filosóficas foi se acentuando cada vez mais. “À noite, me volto para a filosofia e poesia, como que me encontrasse com uma companhia querida que eu conheço bem e que, aparentemente, também me conhece bem. E de fato, não só não me sinto sozinho, mas também no convívio mais seletivo” (Jaspers, 1997, p. 23).⁴

Durante seus estudos, o interesse por filosofia foi tornando-se cada vez mais forte. “Tenho uma consideração muito especial pela filosofia. Por isso, li agora mais uma vez a *Introdução à Filosofia*, de Paulsen, e quero começar agora a me familiarizar com Kant e a ler a obra *O mundo como vontade e representação*, de Schopenhauer” (Jaspers, 1996, p. 13).⁵

Jaspers decidiu cedo abandonar o curso de Direito – não, porém, para se dedicar à filosofia, mas para ingressar na medicina. Em uma carta a seus pais (Ibid., p. 32-40), o jovem apresentou vários motivos que o conduziram a tal decisão: “o contato com Lipps e com a Psicologia”, sua inclinação para “a vida prática” e, naturalmente, seu estado precário de saúde: “O objetivo de

³ Fica registrada aqui minha gratidão ao professor Simeão Donizeti Sass, cuja amizade, assim como suas observações e sugestões, sempre marcadas por clareza e sensibilidade filosófica, têm sido fundamentais para a elaboração deste estudo.

⁴ No original: “Wie zu einer lieben Gesellschaft, die ich gut und die scheinbar mich gut kennt, komme ich abends zur Philosophie und Dichtung. Und wahrlich, ich fühle mich nicht nur nicht einsam, sondern im gewähltesten Umgang begriffen”.

⁵ No original: “Ich halte ganz besonders viel von Philosophie. Daher habe ich jetzt nochmal Paulsens Einleitung in die Philosophie gelesen und will jetzt daran gehen, mich mit Kant etwas bekannt zu machen und Schopenhauers Werk: die Welt als Wille und Vorstellung zu lesen”.

Preâmbulos para uma psicopatologia geral: Karl Jaspers entre ciência, filosofia e fenomenologia
BREA, Gerson

estudar Direito, de poder atuar com vigor na vida prática [...] tornou-se impossível para mim por causa da minha doença.”

Dois momentos chamam particularmente a atenção nessa carta: em primeiro lugar, a ênfase em algo que representou um papel decisivo na sua escolha e que não era, provavelmente, novidade para sua família: “um impulso predominante pela ciência”. O outro motivo desperta maior curiosidade. Jaspers chegou, sim, a refletir sobre a possibilidade de seguir seus interesses filosóficos, o que lhe propiciaria “a maior satisfação” se ele pudesse “seguir diretamente a carreira acadêmica”. Todavia, estava convencido de “não ter a capacidade suficiente” para a filosofia e, além disso, já há algum tempo sentia um forte impulso “de atuar na vida prática, e não apenas como um acadêmico enclausurado, observando as atividades humanas de cima”⁶. Por isso, a medicina apresentava-se como uma ótima opção: nela seria possível atuar tanto “cientificamente” quanto na esfera “prática”. Mais do que isso: o jovem de dezenove anos estava convencido de que, na medicina, estaria, ao mesmo tempo, movendo-se também no campo filosófico. Afinal, seus “interesses, inclinações e reflexões atuais exigem [...] antes de tudo um trabalho científico no campo das ciências naturais, sobre o qual necessariamente se constrói a filosofia.” A filosofia, acrescenta, é de fato “imprescindível” para os médicos, pois permite “proteger da parcialidade, da nociva arrogância cientificista e oferecer um conteúdo à vida como um todo”⁷. E finaliza com uma curiosa observação: “Se eu estudar medicina, a filosofia não será praticada paralelamente, como fazia enquanto estudante de Direito, mas será uma consequência natural”.⁸

Logo após concluir o curso de Medicina, Jaspers ingressou na Clínica Psiquiátrica da Universidade Heidelberg, sob a direção de Franz Nissl, onde permaneceria até 1915. Neste período, entre 1909 e 1913, publicou sua tese de doutorado, *Nostalgia e Crime*⁹, e escreveu importantes artigos que versavam sobre diversos temas da psiquiatria.

Em 1913, veio ao público sua primeira grande obra: *Psicopatologia Geral. Um guia para estudantes, médicos e psicólogos* – livro que rapidamente se tornou referência na área e que, ainda no mesmo ano, lhe possibilitou a *Habilitation*, abrindo caminho para a carreira acadêmica. Pouco depois, Jaspers iniciou sua atividade docente na Faculdade de Filosofia da Universidade de Heidelberg, encarregado de ministrar cursos no campo da Psicologia. Em 1919, publicou *Psicologia das Visões de Mundo*, obra elaborada a partir de um de seus cursos de psicologia e que viria a marcar a filosofia da existência. Esse livro desempenhou papel decisivo para que, em 1922, Jaspers fosse nomeado professor catedrático – não, porém, de psicologia, mas de filosofia.

Assim, um ex-estudante de Direito, médico e cientista de formação, adentra o mundo filosófico acadêmico – pelas ‘portas do fundo’. Uma trajetória curiosa: havia se tornado docente de psicologia, sem nunca ter estudado psicologia; agora, torna-se professor catedrático de filosofia sem nunca ter estudado filosofia. De fato, a nomeação de um médico para uma cátedra de filosofia não é algo comum – nem ontem, nem hoje. Assim, é possível imaginar que o famoso filósofo neokantiano Heinrich Rickert, também em Heidelberg, tenha visto na nomeação do novo colega um claro “sinal da decadência da filosofia” (Saner, 1996, p. 37).

⁶ No original: “im praktischen Leben tätig zu sein, nicht nur als Stubengelehrter dem Menschentreiben von oben zuzusehen”.

⁷ No original: “mich hoffentlich vor Einseitigkeit, dem üblen naturwissenschaftlichen Hochmut, bewahren und dem Leben überhaupt Inhalt geben”.

⁸ No original: “Die Philosophie wird aber, wenn ich Medizin studiere, nicht nebenher getrieben werden, wie ich das als Jurist tat, sondern natürliche Folge sein”.

⁹ *Heimweh und Verbrechen* (Jaspers, 1963 [1909], p. 1-84). As citações dos escritos psicopatológicos de Karl Jaspers seguem a edição de 1963 (*Gesammelte Schriften zur Psychopathologie*); o ano entre colchetes indica a data original da publicação dos respectivos escritos.

Preâmbulos para uma psicopatologia geral: Karl Jaspers entre ciência, filosofia e fenomenologia
BREA, Gerson

Fato é que não tardou muito para Jaspers tornar-se um dos maiores expoentes da filosofia alemã na primeira metade do século XX, superando até a fama do próprio Rickert, com quem sempre teve uma relação tensa (Cf. Kirkbright, 2004, p. 118). Contudo, mesmo como filósofo ‘profissional’ reconhecido, Jaspers nunca abandonou seu grande interesse pela ciência. Pelo contrário: paralelamente à intensa produção filosófica, continuou revisando, por décadas, sua *Psicopatologia Geral*, incorporando literaturas mais recentes, apresentando novas posições, precisando conceitos e introduzindo digressões filosóficas que considerava de fundamental importância para a formação do psicólogo e do psiquiatra. De outro lado, no âmbito filosófico, insistiu em praticamente todas as suas obras em tematizar o significado e os limites da ciência, bem como em refletir sobre o papel da filosofia diante das ciências modernas.

Em seus escritos psicopatológicos publicados entre 1909 e 1913 esses problemas não são, todavia, tratados explicitamente, ao menos não de uma perspectiva teórica. Jaspers não se pergunta, por exemplo, o que é ciência ou o que é filosofia – muito menos discute a relação entre as duas. Ele não está interessado, a princípio, em tais definições. Sua preocupação, nesse momento, é outra: elevar a psicopatologia ao nível de ciência.

3. Três anos antes da publicação da *Psicopatologia Geral* (1913), Jaspers, em seu artigo “Os métodos do exame de inteligência e o conceito de demência”¹⁰, já expõe de maneira clara e contundente os problemas e desafios da psicopatologia de sua época. Segundo ele, não há como evitar um sentimento de inadequação e resignação quando o psiquiatra confronta sua prática com aquilo que ocorre nas investigações químicas e fisiológicas, caracterizadas pela “exatidão”, por procedimentos quantitativos e científicos objetivos. No campo das “investigações somáticas”, há um grau de visibilidade e incontestabilidade que não está presente nos resultados obtidos pelos ‘métodos’ empregados na psicopatologia. Nela, os resultados são difíceis de aferir e de medir com precisão, uma vez que se referem a fenômenos de uma esfera subjetiva, que se manifestam, em geral, por meio de observações e conversas com os pacientes.

O desenvolvimento de modernos métodos psicopatológicos, que trabalham com aparelhos, medições e quantificações, busca combater esse problema e propicia, admite Jaspers, “as mais valiosas conquistas que a nossa época acrescentou, como algo novo, ao antigo legado”. Todavia, seus resultados não são capazes de ofuscar o fato de que a busca pelo “objetivo”, levada ao extremo, “atua de modo paralisante” e pode levar à obstrução dos caminhos que possibilitam a investigação do problema que está na origem da psicopatologia: a vida psíquica em toda a sua complexidade de manifestações. Tais “métodos objetivos são apenas uma – ainda que de valor eminente – ferramenta para a psicologia, mas nunca capazes de constituir essa ciência”. Contudo, Jaspers crê ser possível identificar em sua época um movimento que busca uma saída para esse impasse:

Com uma certa libertação, brota aqui a percepção de que há ainda uma segunda série de métodos, que sempre foram exercidos, mas não porque se trate de um estágio primitivo da ciência, mas porque eles estão fundados na essência mesma da coisa. São os métodos do ‘compreender’ e do trabalho conceitual de nossas ‘vivências de empatia’, vivências que

¹⁰ *Die Methoden der Intelligenzprüfung und der Begriff der Dementia* (Jaspers, 1963 [1910], p. 142-190)

Preâmbulos para uma psicopatologia geral: Karl Jaspers entre ciência, filosofia e fenomenologia
BREA, Gerson

formam o fundamento peculiar da investigação psicológica e psicopatológica, quando ela se encontra totalmente em sua própria área (Jaspers, 1963 (1910), p. 142)¹¹.

De certa forma, essa passagem introdutória de seu artigo não apenas ressalta a preocupação com a cientificidade da psicopatologia, mas, relacionada a ela, deixa entrever os problemas que ocupariam o jovem autor nos anos seguintes e que culminariam em sua *Psicopatologia Geral*: o papel da compreensão, a necessidade da elaboração conceitual e a importância decisiva da empatia na atividade psicológica e psicopatológica.

Dois anos mais tarde, em outro estudo – no qual apresenta e discute “a orientação de pesquisa fenomenológica na psicopatologia”¹² e já deixa clara, antes mesmo da publicação da *Psicopatologia Geral*, sua idiossincrática apropriação da fenomenologia –, Jaspers expressa, logo no início e de modo contundente, sua preocupação com o domínio da “psicologia objetiva” no campo da psiquiatria.

Para a psicologia objetiva, real é aquilo que pode ser percebido sensivelmente ou, de algum modo, quantificado; o que não se apresenta aos sentidos ou não é mensurável simplesmente não é real – ou possui um grau de realidade que não interessa a quem busca um conhecimento objetivo. Esse reducionismo acaba por promover a “eliminação do psíquico”, o que leva, em última instância, a uma atitude de indiferença em relação ao próprio objeto de estudo da psicologia. Se esse objeto é “uma máquina, um organismo vivo sem psique ou um ser humano com psique”, isso, no final das contas, torna-se irrelevante.

Mas o que fazer quando os sintomas não são “perceptíveis sensivelmente”, “medidos” ou “apreendidos racionalmente”? O que acontece quando só podem ser acessados por meio de uma “inserção interior no psíquico”, da “empatia” e da “vivência compartilhada” (Jaspers, 1963[1912], p. 314)? Jaspers, então, expõe alguns traços dos “sintomas subjetivos”:

Sintomas subjetivos são todos os movimentos afetivos e processos interiores que acreditamos *apreender diretamente* na experiência sensível que, dessa forma, se torna ‘expressão’ – como o medo, a tristeza, a alegria. Além disso, sintomas subjetivos são todas as vivências e fenômenos psíquicos que os pacientes nos *relatam* e que se tornam acessíveis a nós somente *por meio* de seu *juízo* e exposição. Por fim, são sintomas subjetivos os processos psíquicos que são *interpretados*, inferidos a partir de fragmentos dos dois dados anteriores – de ações, modo de vida etc. (Ibid.¹³.

¹¹ No original: “Mit einer gewissen Erlösung entspringt hier die Einsicht, daß es noch eine zweite Reihe von Methoden gebe, die immer ausgeübt wurden, aber nicht, weil es sich um einen primitiven Standpunkt der Wissenschaft handelt, sondern weil sie im Wesen der Sache begründet sind. Dies sind die Methoden des ‘Verstehens’ und der begrifflichen Verarbeitung unserer ‘Einfühlungserlebnisse’, dieser Erlebnisse, die die eigenartige Grundlage der psychologischen und psychopathologischen Forschung bilden, wenn sie sich ganz auf eigenem Gebiet befindet”.

¹² *Die phänomenologische Forschungsrichtung in der Psychopathologie* (Jaspers, 1963 [1912], p. 314-328). Tradução brasileira de Adriano C.T. Rodrigues com o título: “A abordagem fenomenológica em psicopatologia” (Jaspers, 2005).

¹³ No original: “Subjektive Symptome sind alle Gemütsbewegungen und inneren Vorgänge, die wir in der sinnlichen Erscheinung, die auf diese Weise zum ‘Ausdruck’ wird, *unmittelbar* zu erfassen meinen, wie die Angst, die Trauer, die Lustigkeit. Subjektive Symptome sind ferner alle die seelischen Erlebnisse und Phänomene, die die Kranken uns *schildern* und die durch ihr *Urteil* und ihre Darstellung hindurch uns erst *mittelbar* zugänglich werden. Schließlich sind subjektive Symptome die seelischen Vorgänge, die aus Bruchstücken der beiden vorhergehenden Daten, aus Handlungen, Lebensführung usw. *gedeutet*, erschlossen werden”.

Preâmbulos para uma psicopatologia geral: Karl Jaspers entre ciência, filosofia e fenomenologia
BREA, Gerson

Jaspers não questiona, a princípio, a distinção entre objetivo e subjetivo, nem se pergunta se ela é adequada ou não. Tampouco tece digressões acerca de como se constitui o subjetivo, muito menos reflete sobre os pressupostos filosóficos a partir dos quais se diferencia um plano objetivo de uma esfera subjetiva. O problema não parece, para Jaspers, residir nessa diferenciação propriamente dita. Ele até concorda plenamente com ela – e, a propósito, a preservará até a última edição de sua *Psicopatologia Geral*.

O que está em jogo aqui – e aquilo que Jaspers critica decididamente – diz respeito à valoração atribuída a esses dois modos de atuar na psicologia. Não restam dúvidas de que, a partir de certa perspectiva, a “psicologia objetiva fornece resultados mais palpáveis, mais seguros e mais facilmente compreensíveis por todos do que a subjetiva”. Não se pode, todavia, esquecer que as ideias de *segurança* em ambas as psicologias são “por princípio distintas”, não podendo sequer ser comparadas. Enquanto a psicologia objetiva, com sua tendência a excluir praticamente por completo o psíquico, “torna-se quase ou totalmente fisiologia”, a psicologia subjetiva “quer justamente manter a vida psíquica [*Seelenleben*] como objeto” (Ibid., p. 315).

Fica claro que Jaspers, nesses artigos publicados antes da *Psicopatologia Geral*, não vê, a princípio, problemas na ideia de ciência tal como entendida pelas ciências naturais. Ela produz resultados que não podem ser desprezados – e isso vale, inclusive, para a psicologia e a psicopatologia. O problema reside, na verdade, na tendência de desprezar aquilo que não possa ser obtido por métodos quantitativos. Esses métodos são, sem dúvida, importantes e até mesmo indispensáveis; todavia, quando tomados isoladamente, acabam por negligenciar aquilo que constitui o cerne da atividade do psicólogo e do psiquiatra e ameaçam retirar da psicologia a própria psique – levam a uma “*psicologia sem psique*” [*Psychologie ohne Seelisches*] (Ibid.)¹⁴.

4. A primeira edição da *Psicopatologia Geral*¹⁵, publicada em 1913, gera muitas reações positivas e a obra passa rapidamente a desfrutar de prestígio acadêmico, em grande parte, por apresentar-se como um paradigma nas tentativas de elevar a psicopatologia e a psiquiatria ao nível de ciência.

¹⁴ Cientes das dificuldades terminológicas envolvidas, optamos por seguir a versão brasileira da *Psicopatologia Geral* e traduzir Seele não como “alma”, mas como “psique”. Em seus escritos psicopatológicos, não encontramos uma discussão explícita sobre a origem da ideia de Seele ou seelisch, muito menos um questionamento de seus pressupostos filosóficos (por exemplo, a dicotomia corpo-alma). Numa passagem da *Psicopatologia Geral* (1913), Jaspers afirma, contudo: “O psíquico, em sua realidade própria, a partir do qual partimos e ao qual sempre retornamos, apreendendo-o de modo mais claro e reconhecendo suas causas e conexões, é uma única e imensa corrente de acontecimentos indivisíveis, que flui, de modo nunca idêntico, em incontáveis indivíduos”. (Jaspers, 1913, p. 12) [No original: “Das Seelische in seiner eigentlichen Wirklichkeit, von dem wir ausgehen und zu dem wir, es klarer erfassend und in seinen Ursachen und Zusammenhängen erkennend, immer wieder zurückkehren, ist ein einziger ungeheurer Strom unteilbaren Geschehens, der in zahllosen Individuen in nie gleicher Weise dahinfließt”].

No início do segundo volume de sua *Filosofia* (1932), dedicado ao “Esclarecimento da Existência” [*Existenzzerhellung*], Jaspers faz uma observação interessante em que aproxima Seele e Existenz, mais do que isso, sugere que são duas maneiras de dizer o mesmo: “Aquilo que, em linguagem mítica, se chama alma e Deus, em linguagem filosófica denomina-se existência e transcendência – não é mundo” (Jaspers, 1994, p.1). [No original: “Was in mythischer Ausdrucksweise Seele und Gott heißt, in philosophischer Sprache Existenz und Transzendenz, ist nicht Welt”].

¹⁵ *Allgemeine Psychopathologie. Ein Leitfaden für Studierende, Ärzte und Psychologen* (Jaspers, 1913). Não conhecemos tradução dessa primeira edição para o português. A tradução em português da *Psicopatologia Geral*, de Samuel Penna Aarão Reis, publicada em 1973, baseia-se na 8ª edição alemã.

Preâmbulos para uma psicopatologia geral: Karl Jaspers entre ciência, filosofia e fenomenologia
BREA, Gerson

O problema da cientificidade da psicopatologia é abordado logo no início da obra, mas a partir de uma perspectiva diferente daquela que encontramos nos artigos anteriores. Jaspers volta-se aqui para uma questão prática, aparentemente simples, mas que está no cerne de um conhecimento que busca cientificidade.

Como ocorre praticamente em todas as atividades humanas, não há como duvidar da fundamental importância da experiência individual e do intercâmbio de experiências também entre os profissionais da psiquiatria. Com o tempo, desenvolve-se um conhecimento – uma “habilidade” [*Kenntnis*] – que é decisivo para a práxis psiquiátrica. Mas essa experiência não basta, quando se busca o status de ciência. A “habilidade pessoal instintiva” [*persönliche, instinktive Kenntnis*], embora imprescindível, não apenas pode induzir ao erro, mas carece de toda e qualquer base científica. Assim, elevar um campo do saber ao nível de uma ciência significa deixar de confiar plenamente na habilidade, relegando-a a um segundo plano. Jaspers apresenta de forma concisa sua proposta:

Ressalta-se que, em muitos aspectos, a psicopatologia ainda não alcançou o nível de ciência. É a ‘*habilidade*’ que então prevalece. A ciência requer um pensamento conceitual que seja sistemático e possa ser comunicado. Só na medida em que se tenha desenvolvido um pensamento desse tipo, pode haver psiquiatria como ciência. O que na psiquiatria for habilidade e arte, que não se pode exprimir e sim no máximo transmitir a pessoas receptivas através de um trato pessoal, não será tampouco objeto de exposição num livro nem, naturalmente, se pode esperar de livros. O *ensino da psiquiatria é mais* do que a transmissão de conhecimentos conceituais. É mais do que ensino científico. Um *livro* de psicopatologia só pode oferecer ciência e só tem valor enquanto o fizer. Sabendo claramente da *importância da habilidade para a prática* e para toda análise de *casos individuais*, pretendemos limitar-nos aqui conscientemente ao que se pode tratar de *modo científico* (Jaspers, 1913, p. 2)¹⁶.

A *Psicopatologia Geral* sugere, contudo, uma abordagem distinta dos tratados, compêndios e manuais científicos. O subtítulo dessa primeira edição – “um guia para estudantes, médicos e psicólogos” – já revela parcialmente a intenção da obra. Diferentemente do que ocorre frequentemente em compêndios dessa natureza, Jaspers não busca apenas apresentar de forma sistemática as diferentes posições e resultados da pesquisa, nem oferecer “um sistema com base em uma teoria”. Seu principal objetivo é, antes, “introduzir o leitor aos problemas, à formulação das questões e aos métodos”, mostrar que “não é preciso aprender psicopatologia, mas aprender a observar psicopatologicamente, a perguntar psicopatologicamente, a analisar psicopatologicamente, a pensar psicopatologicamente” (Jaspers, 1913, Prefácio).¹⁷ A intenção é

¹⁶ Essa passagem é reproduzida literalmente nas diversas edições posteriores até a última. Nas últimas edições, todavia, não há destaque (em itálico) para as expressões que aparecem ressaltadas nas três primeiras edições. Reproduzimos aqui a tradução portuguesa (Jaspers, 1987, p. 2), acrescentando os respectivos destaques, realizando atualizações ortográficas e acrescentando a palavra ‘importância’, constante no original alemão.

¹⁷No original: “[...] man muß nicht Psychopathologie, sondern psychopathologisch beobachten, psychopathologisch fragen, psychopathologisch analysieren, psychopathologisch denken lernen”.

Nas edições seguintes da *Psicopatologia Geral*, essa tarefa fica cada vez mais clara e parece dirigir-se para além da psicologia e da psiquiatria. O prefácio à *segunda edição* indica que o livro pretende “elevar ao nível de cientificidade [...] esclarecer ao máximo, as generalidades vagas que carregamos conosco”, não perdendo de vista o fato de que “as intenções profundas, que às vezes nelas se manifestaram, não devem ser simplesmente postas de lado e caírem por debaixo da mesa, se o esclarecimento completo também não for alcançado” (Jaspers, 1923, p. VI). [No original: “zum Niveau der Wissenschaftlichkeit hinauszusteigen [...] Die verschwommenen Allgemeinheiten, die wir mitschleppen [...]”]

Preâmbulos para uma psicopatologia geral: Karl Jaspers entre ciência, filosofia e fenomenologia
BREA, Gerson

“ajudar o estudante a apropriar-se de um conhecimento ordenado que ofereça um ponto de ligação para os fenômenos recém-observados e que lhe possibilite colocar no seu devido ‘lugar’ o conhecimento que irá adquirir” (Ibid.).¹⁸

A busca por fundamentar a psicopatologia como ciência implica, portanto, não apenas organizar o vasto material disponível na área e discutir a fundo questões metodológicas e problemas conceituais. Para Jaspers, é de suma importância promover, tanto no estudante quanto no profissional da psiquiatria, uma atitude científica, estimular uma postura crítica e despertar a consciência da necessidade de refletir constantemente sobre a própria atividade.

Essa proposta se torna evidente já na “Introdução” da obra. Todavia, antes de apresentar os problemas relacionados à observação, à análise e ao pensamento psicopatológico, e mesmo antes de apontar para os limites da habilidade adquirida pela experiência, a *Psicopatologia Geral* tece algumas considerações que, curiosamente, possuem um tom mais filosófico do que científico.

5. A questão já havia sido tocada, *en passant*, em sua tese de doutorado, mas manifesta-se com mais clareza nas primeiras linhas de seu primeiro estudo – um artigo sobre “delírios de ciúme” e as ideias de “desenvolvimento da personalidade” e “processo”, publicado logo no início de seu estágio na clínica de Heidelberg. Nesse texto, Jaspers demonstra estar ciente da complexidade do tema que se propõe a discutir e promete empenhar-se “ao máximo em conceitos claros, mas não oferecer a classificação e compreensão dos casos na forma de uma clareza apenas aparentemente definitiva”. E continua: “Não queremos perder também aqui a consciência da inesgotabilidade e do caráter enigmático de cada ser humano, individual, portador de doença mental, consciência que devemos possuir mesmo diante dos casos aparentemente mais cotidianos” (Jaspers, 1963 [1910], p. 85).¹⁹

Nas primeiras linhas da *Psicopatologia Geral*, o tema é tratado sob outra perspectiva, partindo da distinção entre esfera prática e trabalho teórico. No “exercício prático da psiquiatria, lida-se sempre com *seres humanos individuais e em sua totalidade*” (Jaspers, 1913, p. 1)²⁰; o psicopatologista, por sua vez, enquanto pesquisador e cientista “quer apenas conhecer, caracterizar e analisar; não,

möglichst zu klären [...] die tiefen Intentionen, die manchmal in ihnen zum Ausdruck gekommen sind, sollen nicht einfach bei Seite gedrängt werden und unter den Tisch fallen, wenn die volle Klärung auch nicht gelingt”. Já no prefácio à *terceira edição*, Jaspers sublinha que, “na torrente do falatório psicopatológico”, seu objetivo é contribuir para que se aprenda “a saber o que se sabe e o que não se sabe, a saber como e em que sentido e dentro de quais limites se sabe algo, com quais meios esse conhecimento é adquirido e fundamentado”. [No original: “in der Flut psychopathologischen Geredes [...] zu wissen, was man weiß und was man nicht weiß, zu wissen, wie und in welchem Sinne und in welchen Grenzen man etwas weiß, mit welchen Mitteln dieses Wissen erworben und begründet wird”] (Jaspers, 1923, p. VII). Por fim, na *quarta edição*, que já estava concluída em 1942 e não pôde ser impressa devido à proibição dos nazistas, mas que surge em março de 1946, como quinta edição, a obra reproduz os prefácios anteriores e, no novo prefácio, indica que a obra se dirige não somente aos especialistas da área, mas pretende “servir aos médicos e a todos que se ocupam tematicamente com o ser humano” [“den Ärzten dienen und allen, die es thematisch mit dem Menschen zu tun haben”] (Jaspers, 1973, Prefácio à quarta edição).

¹⁸ No original: “Ich möchte dem Studierenden helfen, sich ein geordnetes Wissen anzueignen, das bei neu beobachteten Phänomenen den Anknüpfungspunkt bietet, und das ihm ermöglicht, neu zu erwerbendes Wissen an seinen gehörigen ‘Ort’ zu stellen”.

¹⁹ No original: “Es ist unser Wunsch, hierbei uns möglichst klarer Begriffe zu befleißigen, dagegen nicht, die Einordnung und Auffassung der Fälle in der Form scheinbar endgültiger Klarheit zu geben. Wir möchten das Bewußtsein der Unerschöpfbarkeit und Rätselhaftigkeit jedes einzelnen geisteskranken Menschen, das wir den scheinbar alltäglichsten Fällen gegenüber besitzen sollen, auch hier nicht verlieren”.

²⁰ No original: “Im praktischen psychiatrischen *Berufe* handelt es sich immer um *einzelne ganze Menschen* [...]”.

Preâmbulos para uma psicopatologia geral: Karl Jaspers entre ciência, filosofia e fenomenologia
BREA, Gerson

porém, seres humanos *individuais*, mas o que é *geral* [...], quer o *exprimível em conceitos*, o *comunicável*, o que pode ser posto em regras e reconhecido em quaisquer relações” (Ibid., p.1).²¹

O que poderia servir de preâmbulo para uma reflexão filosófica mais profunda, contudo, não se realiza. Nem a ideia de “o todo do ser humano”²², nem a complexa, e desde os primórdios do pensamento filosófico ocidental, debatida relação entre o particular concreto e o geral abstrato são desenvolvidas nessas primeiras linhas introdutórias da *Psicopatologia Geral*. Antes, elas servem para despertar a consciência dos limites inerentes à psicopatologia tanto no âmbito da pesquisa quanto na esfera prática da psiquiatria. O psicopatologista tem de reconhecer que, quando lida com um ser humano concreto, “jamais poderá dissolvê-lo em conceitos psicopatológicos”. Pelo contrário:

Seus *limites* consistem em jamais poder reduzir o indivíduo humano a conceitos *psicopatológicos*. Quanto mais ele traduz em conceitos, reconhece e caracteriza como típico, como regular, tanto mais ele reconhece que algo não-reconhecível se lhe oculta, algo que pode apreender, sentir, pressentir, mas que não pode atingir e captar. Para ele, como *psicopatologista*, basta saber da infinitude de cada indivíduo, que ele jamais pode esgotar (Ibid., 1 e seg.)²³.

Discussões envolvendo a questão dos “limites” [*Grenzen*] desempenham um papel fundamental nos escritos psicopatológicos de Jaspers. Seja quando se busca conhecer, quando se procura explicar, quando se pretende compreender ou mesmo nos esforços para apreender, distinguir e classificar os fenômenos – em outras palavras, tanto naquilo que Jaspers denomina “fenomenologia”, como na “psicologia explicativa” e, de maneira mais marcante, na “psicologia compreensiva” –, não há como não se deparar constantemente com limites. Nos tempos mitológicos, o ser humano acreditava compreender Donar no relâmpago e no trovão. Houve pesquisadores que ainda pensavam que *tudo* que é psíquico seria compreensível. Hoje sabemos que *apenas certos aspectos do psíquico* são acessíveis à nossa compreensão (Jaspers, 1963 [1913], p. 333).²⁴

Por mais que se tente, primeiramente, reconhecer os limites e, eventualmente, superá-los – desafio que perpassa tanto a prática quanto a pesquisa psicopatológica –, é impossível eliminar por

²¹ No original: “Er will nur kennen und erkennen, charakterisieren und analysieren, aber nicht *einzelne Menschen*, sondern das *Allgemeine* [...] will das *in Begriffen Ausdrückbare*, das *Mittelbare*, das, was sich auf Regeln bringen und in irgendwelchen Beziehungen *erkennen* lässt”.

²² “O todo do ser humano” [*Das Ganze des Menschseins*] é o título dado por Jaspers a um novo extenso capítulo, introduzido apenas na quarta edição de sua *Psicopatologia Geral* – revisada e ampliada durante a época em que estava impedido pelo regime nazista de lecionar e publicar, e que surge logo após o fim da Segunda Guerra. Essa „sexta parte” de sua obra ocupa-se exclusivamente de “questões filosóficas básicas; reflexões que parecem tão importantes que não se podem emitir” e que “[e]mbora já não se insiram no domínio do conhecimento psicopatológico mesmo, não deixam de relacionar-se com a psicopatologia” (Jaspers, 1973, p. 624).

²³ No original: “Seine *Grenze* liegt darin, daß er, wenn er dem einzelnen Menschen gegenübertritt, dessen niemals ganz in seine *psychopathologischen* Begriffe auflösen kann. Je mehr er auf Begriffe bringt, als typisch, als regelmäßig erkennt und charakterisiert, desto mehr erkennt er, daß sich ihm etwas Unerkennbares verbirgt, das er erfassen, fühlen, ahnen, das er aber nicht greifen und einfangen kann. Für ihn als Psychopathologen genügt es, wenn er von der Unendlichkeit jedes Individuums weiß, die er nicht ausschöpfen kann”. Nas edições posteriores, essa passagem será reproduzida quase sem qualquer alteração.

²⁴ “In mythologischen Zeiten glaubte der Mensch den Donar im Blitz und Donner zu verstehen. Es gab Forscher, die noch meinten, *alles* Seelische sei verständlich. Jetzt wissen wir, daß *nur gewisse Seiten des Seelischen* unserem Verstehen zugänglich sind. Die Frage, wie weit die Grenzen gesteckt sind, werden wir, nachdem die Arten des Kausalerklärens in der Psychologie kurz gekennzeichnet sind, in dem Problem ‚Verstehen und Unbewußtes’ kennen lernen”.

Preâmbulos para uma psicopatologia geral: Karl Jaspers entre ciência, filosofia e fenomenologia
BREA, Gerson

completo a possibilidade do fracasso. Ademais, não existem técnicas seguras que garantam a superação, nem mesmo o reconhecimento de certos limites. O que resta é a tomada de consciência desse fato: o reconhecimento de que nunca se sabe ao certo onde se encontra o limite, o que se oculta, o que é dissimulado ou o que é realmente sentido e vivenciado pela pessoa que se encontra diante do psiquiatra.²⁵

Essas considerações – que, de alguma forma, já sugerem, ainda que vagamente, alguns temas caros à filosofia da existência, como as ideias de ‘situações-limite’ ou de ‘cifras’ – servem aqui, no início da *Psicopatologia Geral*, apenas como um preâmbulo para indicar outro problema central que impede o reconhecimento de limitações e até compromete a atividade psicopatológica: a questão dos preconceitos.

6. O problema da imiscuição de “preconceitos” [*Vorurteile*] e construções teóricas na psicopatologia é tematizado por Jaspers já em seus primeiros escritos psicopatológicos, ocupa um espaço central na primeira edição da *Psicopatologia Geral* e, nas edições seguintes, não é resolvido – ao contrário, manifesta-se de forma cada vez mais enfática. Trata-se, de um lado, de um tema central na busca por elevar a psicopatologia ao nível de uma ciência; de outro, de questões que se aproximam de problemas do campo filosófico.

O psicopatologista precisa estar consciente do risco que corre, permanentemente, de estar sendo conduzido por construções, explicações e ideias que podem facilmente comprometer sua observação dos fenômenos psíquicos e até torná-lo insensível às vivências, à “*realidade* viva da vida psíquica” (Jaspers, 1913, p. 13)²⁶ de seus pacientes. O psiquiatra, seja atuando como médico, na esfera prática, seja como pesquisador, no campo da psicopatologia, não pode perder de vista este fato: deve empenhar-se constantemente em manter uma atitude holística e pluralista, evitando teorizações precipitadas, esquemas prontos e construções pré-estabelecidas.

Diante de todos os preconceitos e concepções unilaterais, é preciso sempre reafirmar que a tarefa da psicopatologia é conhecer a *realidade* da vida psíquica anormal por *todos* os meios e sob *todos* os aspectos. Espero que também neste livro se perceba a profunda aversão a teorias e construções, da qual estou consciente (Jaspers, 1913, p. 11)²⁷.

²⁵ Na “sexta parte” (“O todo do ser humano”), acrescentada a partir da quarta edição da *Psicopatologia Geral*, Jaspers acentua ainda mais essa questão dos limites, indicando com clareza o papel da filosofia – não o de fundamentar, sofisticar ou, finalmente, conferir à psicopatologia o estatuto de ciência, mas o de inspirar uma “atitude fundamental” no psiquiatra e psicopatologista. “Para nós, a questão significativa é se conseguimos evitar, em geral de algum modo, confusões e as misturas associações díspares; e se conseguimos manter-nos alertas para a pluridimensionalidade dos esforços científicos, bem como para o próprio ser humano, em seu todo. Que no limite finalmente fique uma consciência de ser que somente é acessível a um esclarecimento filosófico, em vez de transformar-se em coroamento de um saber dogmático total, permanece a base serena de uma atitude fundamental, sistemática e metódica. Essa base se esclarece indiretamente na pesquisa multifacetada. No conhecer preservamos aquilo que no limite do conhecimento, não é acessível ao conhecimento, mas que é sentido somente através do conhecimento” (Jaspers, 1987, p. 897).

²⁶ No original: “die lebendige Wirklichkeit des psychischen Lebens”.

²⁷ No original: “Gegenüber allen Vorurteilen und einseitigen Auffassungen ist nur immer wieder festzustellen, daß es die Aufgabe der Psychopathologie ist, die *Wirklichkeit* abnormen Seelenlebens mit *allen* Mitteln und von *allen* Seiten her zu erkennen. Ich hoffe, man merkt auch diesem Buche die tiefe Abneigung gegen Theorien und Konstruktionen an, deren ich mir bewußt bin.”

Preâmbulos para uma psicopatologia geral: Karl Jaspers entre ciência, filosofia e fenomenologia
BREA, Gerson

Nesse contexto, Jaspers acredita que a filosofia, mais precisamente, o “exercício” ou “instrução filosófica”²⁸ pode exercer uma função relevante para a psicopatologia – a propósito uma função que não está muito distante daquilo que imaginava o jovem Jaspers, antes mesmo de estudar medicina: a filosofia poderia “proteger da parcialidade” e, indiretamente, também, “da nociva arrogância cientificista”.

Isso não significa, todavia, que a filosofia, propriamente dita, mantenha uma ligação direta com a psicopatologia, como ocorre com a “psicologia” ou a “medicina somática” (Ibid., p. 6). Pelo contrário: embora seu exercício possa contribuir decisivamente para o desenvolvimento de uma consciência metodológica e servir como uma espécie de antídoto contra conclusões apressadas, classificações precipitadas e preconceitos teóricos, a filosofia nada tem, em termos de conteúdo, a oferecer à psicopatologia. “Para o psicopatologista, *um estudo filosófico mais aprofundado* não tem, propriamente, *um valor positivo*. Naturalmente, ele não pode aprender nada da filosofia que ele possa, de certo modo, levar para sua ciência”. Não obstante, o jovem Jaspers reconhece que o estudo de filosofia pode ter algum valor: “Quem se esforçou por refletir a fundo sobre a filosofia crítica está protegido contra numerosas *falsas formulações de questões*, discussões supérfluas e *preconceitos* inibidores, que, em cabeças não filosóficas [...] não raramente desempenham um papel na psicopatologia (Jaspers, 1913, p. 7).²⁹

Enfim, se de um lado a filosofia enquanto “filosofia crítica” contribuiu para uma reflexão metodológica e para identificar “preconceitos”, de outro, ela mesma também pode se infiltrar

Chama a atenção aqui o adendo “da qual estou consciente”. De certo modo, essa simples frase parece indicar que Jaspers reconhece a existência de muitas ‘construções’ e ‘teorias’ das quais sequer se tem plena consciência. Mas será que Jaspers está, de fato, consciente de seus próprios pressupostos teóricos? E de seus preconceitos? Que isso talvez não seja o caso pode-se perceber na análise que Heidegger faz – não sobre a *Psicopatologia Geral*, mas da obra *Psicologia das Visões de Mundo* (Jaspers, 1960; Heidegger, 2008). Trata-se, é verdade, de obras distintas; ainda assim, as críticas de Heidegger a Jaspers, ao apontar para pressuposições teóricas assumidas sem qualquer questionamento, poderiam muito bem ser aplicadas também aos seus escritos psicopatológicos, em especial à *Psicopatologia Geral*.

Por outro lado, não interessa a Jaspers, como psicopatologista, desenvolver uma análise detalhada, radical e consequente desse tema (como o faz, em parte, o jovem Heidegger, em sua “hermenêutica da facticidade” ou, na mesma esteira, mas com uma ênfase distinta, Hans-Georg Gadamer, em sua tentativa de indicar uma “hermenêutica filosófica”). Para Jaspers, o que importa é o contexto psiquiátrico; e, nesse contexto, o essencial não é penetrar nos ‘mistérios’ dos preconceitos e pré-juízos ou elaborar uma teoria sobre eles, mas antes reconhecer que eles existem e atuam constantemente, ainda que de maneira discreta e latente, deformando e até pervertendo a apreensão da vivência do paciente. Resumindo: a insistência em apontar “os limites da psicologia” – esse, a propósito, o título de sua *aula inaugural*, proferida em 13 de dezembro de 1913, após obter a *venia legendi* para a área de Psicologia (Chantal, 2019, p. XIV) – tem em vista o desenvolvimento de uma atitude científica: uma disposição crítica, consciente de seus próprios limites.

²⁸ No original: “philosophische Schulung”. Foge, é claro, ao escopo deste artigo examinar mais profundamente esse assunto. De outro lado, seria interessante especular um pouco sobre o que Jaspers quer dizer aqui, afinal, ainda que de passagem, o tema da relação entre filosofia e psicopatologia é tangenciado. Jaspers não esclarece o que entende por “instrução”. É possível imaginar, no entanto, que se trata de uma concepção de filosofia como exercício teórico (incluindo, por exemplo, a leitura, análise e interpretação de textos), uma prática que, em última instância, torna aquele que a exerce mais apto a identificar e pensar mais profundamente sobre aquilo que se apresenta na experiência cotidiana. Não importa, a princípio, o conteúdo dessa prática, mas o próprio exercício filosófico, que reforça a capacidade de discernimento. Assim como alguém que pratica exercícios físicos está, em geral, mais preparado para enfrentar desafios que exigem uma condição corporal adequada, o psiquiatra que possui uma *philosophische Schulung* estará em melhores condições de enfrentar os desafios com que se depara na prática clínica. Talvez soe como um certo preciosismo, mas é curioso notar que Jaspers usa aqui o termo *Schulung* (instrução), e não *Bildung* (formação).

²⁹ Essa passagem da primeira edição da *Psicopatologia Geral* permanecerá inalterada até a última edição. No original: “Für den Psychopathologen hat [...] *ein gründlicheres philosophisches Studium* zwar *keinen positiven Wert*. Er kann selbstverständlich von der Philosophie für seine Wissenschaft nichts lernen, das er gewissermaßen übernehmen könnte. [...] Wer kritische Philosophie gründlich durchzudenken sich bemüht hat, ist vor zahlreichen *falschen Fragestellungen*, überflüssigen Diskussionen und hemmenden *Vorurteilen* geschützt, die bei unphilosophischen Köpfen in der Psychopathologie [...] nicht selten eine Rolle spielen” (Jaspers, 1913, p. 7).

Preâmbulos para uma psicopatologia geral: Karl Jaspers entre ciência, filosofia e fenomenologia
BREA, Gerson

sorrateiramente no campo da psicopatologia e contribuir decisivamente para a obstrução do caminho que conduz à realidade do paciente.

Entretanto, nem na *Psicopatologia Geral*, de 1913, nem em seus escritos psicopatológicos desse período, Jaspers se ocupa em explicar claramente o que entende por filosofia. Ele apenas se limita a mencionar que há diversas formas de “preconceitos filosóficos”, como aquela tendência de desprezar “o árduo trabalho de reunir detalhes” e “estudos minuciosos” em prol de um “*pensar dedutivo* a partir de *um* princípio que queria reconhecer e explicar tudo *sem muita experiência*” (Ibid., p. 9).³⁰ O psicólogo e o psiquiatra precisam ficar atentos para que a filosofia não comprometa seu trabalho e, em vez de contribuir, acabe por obscurecer o vivido, ignorando o que é dado imediatamente, desprezando o que é contingente e banal, e buscando encaixá-lo em um conceito, uma estrutura ou um sistema.

Há, sem dúvida, muitos tipos de preconceito. Em sua obra psicopatológica, vários deles são expostos, analisados e criticados. E a cada nova edição de sua *Psicopatologia Geral*, Jaspers nos apresenta outros preconceitos e teorizações que, se não forem devidamente reconhecidos, podem corromper profundamente a atividade psiquiátrica. O mais funesto de todos, contudo, é aquele que se expressa na ideia – um verdadeiro “dogma”, diz Jaspers –, segundo a qual “doenças mentais são doenças do cérebro” (Ibid., p. 6). Essa é uma concepção que não se restringe, como seria de esperar, ao campo da neurologia, mas que invade e distorce o fim e a tarefa da psicopatologia como um todo. Mais do que em qualquer ponto, vale aqui o imperativo: “Devemos deixar de lado todas as teorias herdadas, construções psicológicas ou mitologias materialistas sobre os processos cerebrais; devemos nos voltar puramente para aquilo que podemos compreender, captar, distinguir e descrever na sua existência real”³¹ (Jaspers, 1912, p. 317).

7. Não se trata, pois, de mais um entre tantos “preconceitos”, mas de uma concepção que torna impossível elevar ao nível de ciência qualquer psicologia ou psicopatologia que leve a sério a psique humana enquanto dimensão subjetiva da experiência. Não se deve perder de vista que, desde o início de suas atividades, Jaspers está convicto da existência de uma esfera subjetiva – e de que ela constitui o cerne da psicologia e da psicopatologia.

A disseminação da “mitologia materialista” – da ideia de que só pode ser ciência aquilo que é mensurável e quantificável, considerando inútil e irrelevante o campo subjetivo –, em suma, a redução biológica segundo a qual os transtornos mentais poderiam ser totalmente explicados por transtornos cerebrais, não apenas impede, mas ameaça aniquilar a própria psicologia.

Isso não significa que esses campos de pesquisa devam ser ignorados. É importante não perder de vista que Jaspers jamais desprezou a “psicologia objetiva”; ao contrário, reconhece nela um instrumento de grande importância para se “entender” ou “explicar” o que ocorre na vida psíquica. Sem ela, não há psicopatologia que possa ser levada a sério. Por outro lado, não resta dúvida de que o cerne da atividade psicopatológica deve ser ocupado por outra forma de abordagem: Jaspers a chama de “compreensão” [*Verstehen*].

³⁰ No original: “[...] *deduktives* Denken aus *einem* Prinzip, das alles ohne viel Erfahrung erkennen und erklären wollte, höher gewertet wurde, als das mühsame Zusammensuchen von Einzelheiten, als Detailsstudien [...]”.

³¹ No original: “Wir müssen alle überkommenen Theorien, psychologische Konstruktionen oder materialistische Mythologien von Hirnvorgängen beiseite lassen, wir müssen uns rein dem zuwenden, was wir in seinem wirklichen Dasein verstehen, erfassen, unterscheiden und beschreiben können”.

Preâmbulos para uma psicopatologia geral: Karl Jaspers entre ciência, filosofia e fenomenologia
BREA, Gerson

Desde cedo, o tema está presente. Todavia, ao buscarmos, em seus escritos psicopatológicos, o momento em que Jaspers começa a refletir sobre o papel da compreensão e a inseri-la em seus estudos, não convém atribuir peso excessivo às menções encontradas em sua tese de doutorado, ainda que nela haja algumas passagens curiosas em que emprega o termo ‘compreensão’. Por exemplo, quando, analisando um caso, expressa sua perplexidade: a jovem “cometeu seus dois crimes com cuidado e cautela; na segunda vez, tomou a decisão à noite para executá-la na manhã seguinte, após uma noite de sono. Um acontecimento enigmático, difícil de compreender!” (Jaspers, 1963 (1909), p. 75).³² Ou quando, em uma nota de rodapé, comenta: “A psiquiatria é uma ciência jovem que não consegue ainda compreender certas ações intrigantes” (Ibid., p. 85, nota 1).

Entretanto, em seu primeiro artigo sobre “delírios de ciúme” (Jaspers, 1963 [1910]) – no qual apresenta e discute os conceitos de “desenvolvimento da personalidade” e de “processo” –, Jaspers já recorre ao conceito e começa a esboçar os dois eixos principais de sua psicopatologia. Após expor detalhadamente dois casos – o de um relojoeiro e o de um professor que sofre patologicamente de ciúmes –, o estudo volta-se para o tema “compreensão”. Jaspers indica “dois caminhos” para a análise desses casos, distinguindo, primeiramente, o “compreender” [*verstehen*] do “entender” [*begreifen*] – um “entender das conexões de modo análogo às conexões causais da natureza” (Ibid., p. 114)³³.

Quando examinamos a vida psíquica, temos dois caminhos: *colocamo-nos no lugar do outro*, temos empatia, ‘compreendemos’; ou contemplamos elementos individuais das manifestações [...] *em sua conexão e sequência como dados*, sem ‘compreender’ essa conexão como um nexos interior, por meio do colocar-se no lugar de e da empatia. ‘Entendemos’ apenas da mesma forma como entendemos as conexões do mundo físico, ao pensarmos um *processo objetivo subjacente*, ‘físico’ ou ‘inconsciente’, cuja essência consiste no fato de que não conseguimos nos inserir nele (Ibid., S. 113)³⁴.

Se, a princípio, Jaspers distingue a *compreensão* do *entendimento* – a primeira caracterizada pela empatia; o segundo pela tentativa de constatar relações no âmbito da natureza –, num segundo passo, ele diferencia dois modos da própria compreensão, ambos, aliás, marcados pelo “colocar-se no lugar de” [*Hineinversetzen*].

³² No original: “Apoll. führte ihre beiden Verbrechen mit Sorgfalt und Vorsicht aus, das zweite Mal faßte sie abends den Entschluß, um ihn nach durchschlafener Nacht morgens auszuführen. Ein rätselhafter Vorgang, der schwer zu verstehen ist!”

³³ No original: “[...] ‘Begreifen’ der Zusammenhänge analog den Kausalzusammenhängen der Natur?”. Em alguns momentos desse estudo, Jaspers já faz, é verdade, uso dos termos “explicar” [*erklären*] e “explicável” [*erklärbar*], em contraste ao ato de “compreender” – prepondera-se, contudo, o termo ‘entender’ (Jaspers, 1963 (1910a), p. 115 e seg.). Optamos por traduzir “Zusammenhang” por ‘conexões’ e não por ‘nexo’ ou ‘relação’.

³⁴ No original: “Wenn wir das Seelenleben betrachten, haben wir *zwei Wege*: *Wir versetzen uns in den anderen hinein*, fühlen uns ein, ‘verstehen’, oder wir betrachten einzelne Elemente der Erscheinungen [...] *in ihrem Zusammenhang und ihrer Aufeinanderfolge als gegebene*, ohne diesen Zusammenhang als einen inneren durch Hineinversetzung, Einfühlung zu ‘verstehen’. Wir ‘begreifen’ nur, wie wir Zusammenhänge der physischen Welt begreifen, indem wir einen *objektiven zugrundeliegenden Vorgang*, einen ‘physischen’ oder ‘unbewußten’, denken, in dessen Wesen es liegt, daß wir uns nicht hineinversetzen können”. A tradução de ‘Vorgang’ por ‘processo’, que consideramos nesse contexto mais adequada, poderia causar problemas caso pretendasse analisar mais a fundo esse trabalho de Jaspers que tematiza justamente a ideia de ‘processo’ – “Delírio de ciúme – uma contribuição à questão: ‘desenvolvimento de uma personalidade’ ou ‘processo?’” [No original: *Eifersuchtsmahn. Ein Beitrag zur Frage: “Entwicklung einer Persönlichkeit” oder “Prozeß”?*].

Preâmbulos para uma psicopatologia geral: Karl Jaspers entre ciência, filosofia e fenomenologia
BREA, Gerson

O primeiro deles diz respeito ao compreender “racional” que permite compreender “conexões racionais” [*rationale Zusammenhänge*]. Isso ocorre, por exemplo, quando se compreende a ação de alguém a partir dos fins que pretende atingir. Nesse caso, escreve Jaspers: “O indivíduo em questão tinha de agir não segundo leis naturais psicológicas, mas, a partir do conhecimento de certas relações causais, segundo normas lógicas, se quisesse alcançar o seu objetivo. Esse agir nós o compreendemos inteiramente como racional” (Ibid., p. 113).³⁵ Essa compreensão racional difere, por sua vez, de outro modo de “colocar-se no lugar de”, caracterizado pela “empatia” [*Einfühlung*].

Se alguém, por exemplo, descobre que a pessoa amada lhe é infiel e, em consequência, perde a compostura, cai em desesperada perplexidade, pensa em suicídio, então não temos aqui nenhuma conexão racional. Nenhum fim deve ser alcançado, nenhum meio é mobilizado de modo racional e, no entanto, compreendemos tudo – por empatia” (Ibid., p. 113)³⁶.

Nesse, como em casos semelhantes, conseguimos captar até as menores nuances da expressão e dos sentimentos; tudo parece compreensível, tudo se une em uma só ‘unidade’, “que chamamos [...] de reação, mas que tem suas raízes e sua força de coesão em um único sentimento” – unidades que são, evidentemente, diferentes de “conexões causais” e, também, das “conexões racionais”, caracterizadas pela lógica meios-fins, e que Jaspers denomina “conexões psicológicas” ou “conexões empáticas” (Ibid., p. 114).

O que encontramos aqui, nesse seu primeiro artigo científico do jovem recém-formado Karl Jaspers, está certamente longe de constituir uma análise profunda e conceitualmente rigorosa dos “dois caminhos” que se apresentam à psicologia e à psicopatologia. Contudo, não se pode deixar de notar que, já nesse estudo de 1910, Jaspers esboça uma estrutura fundamental que servirá para suas obras posteriores, em especial, para sua *Psicopatologia Geral*, e que tem por pilares a distinção entre “explicação” e “compreensão”, bem como a ideia de que há duas formas de compreensão: dois modos de “colocar-se no lugar de”.

Em outras palavras: fica claro, já aqui, que é justamente ao conceito de compreensão que Jaspers recorrerá para elevar a psicopatologia ao nível de ciência. Essa ideia vai sendo lapidada e aprimorada nos trabalhos seguintes, tornando-se conceitualmente mais precisa – até culminar na

³⁵ No original: “Der Betreffende mußte so handeln, nicht nach psychologischen Naturgesetzen, sondern bei Kenntnis gewisser kausaler Beziehungen von seiner Seite nach logischen Normen, wenn er sein Ziel erreichen wollte. Dieses Handeln verstehen wir völlig als ein rationales”.

³⁶ No original: “Wenn etwa jemand erfährt, daß die Geliebte untreu ist und darauf die Fassung verliert, in ratlose Verzweiflung gerät, an Selbstmord denkt, so haben wir keinen rationalen Zusammenhang. Kein Zweck soll erreicht werden, keine Mittel werden dazu vernünftig herbeigezogen und doch verstehen wir alles - durch Einfühlung”. Na *Psicopatologia Geral* (1913), Jaspers destaca a diferença entre esses dois modos de compreensão, sublinhando o papel essencial de ‘ter empatia’ – ou, traduzindo *einfühlen* de maneira mais literal, ‘sentir-se em’: “Enquanto a *compreensão racional* leva apenas à constatação de que uma conexão racional, compreensível inteiramente sem psicologia, foi conteúdo de uma alma, a *compreensão empática* nos conduz para dentro das próprias conexões psíquicas. Se a compreensão racional é apenas um *meio auxiliar* da psicologia, a compreensão empática conduz à *própria psicologia*” (Jaspers, 1913, p. 147). No original: “Führt das *rationale Verstehen* immer nur zur Feststellung, daß ein rationaler, ganz ohne alle Psychologie verständlicher Zusammenhang Inhalt einer Seele war, so führt uns das *einfühlende Verstehen* in seelische Zusammenhänge selbst hinein. Ist das rationale Verstehen nur ein *Hilfsmittel* der Psychologie, so führt das einführende Verstehen zur *Psychologie selbst*”.

Preâmbulos para uma psicopatologia geral: Karl Jaspers entre ciência, filosofia e fenomenologia
BREA, Gerson

distinção fundamental entre dois tipos de compreensão: a “compreensão genética” e a “compreensão estática”.

8. A “compreensão estática” é aquela que caracteriza o que Jaspers denomina “fenomenologia”; a “compreensão genética”, por sua vez, é o momento central da psicologia e da psicopatologia compreensiva, constituindo o cerne da psicologia subjetiva. Na introdução de sua *Psicopatologia Geral* (1913) há uma passagem que resume muito bem esses dois modos de compreensão:

A fenomenologia oferece-nos uma série de *fragmentos*, de elementos do psíquico realmente vivido. Perguntamos então em que *conexões* eles se encontram. Em certos casos, *compreendemos com evidência como o psíquico brota do psíquico*. Compreendemos – de um modo possível apenas em relação ao psíquico – que o agredido se torna colérico, que o amante traído se torna ciumento, que de motivos brotam uma decisão e uma ação. Na fenomenologia, tornamos presentes determinadas qualidades, determinados *estados*, compreendemos de modo estático; aqui, apreendemos a inquietude do psíquico, o movimento, a conexão, o *desdobrar-se de um elemento a partir de outro*; compreendemos de modo *genético*. Na compreensão estática (*fenomenologia*) apreendemos, por assim dizer, um corte transversal do psíquico; na compreensão genética (*psicopatologia compreensiva*), o corte longitudinal. (Jaspers, 1913, p. 13)³⁷.

É importante sublinhar: Se, sobretudo nas páginas iniciais da *Psicopatologia Geral*, o destaque recai sobre a ideia de fenomenologia, a *psicologia compreensiva* pode ser considerada o eixo central de toda a obra.³⁸ Ela não pretende simplesmente descrever, mas apreender; não busca apenas identificar fenomenologicamente, mas *compreender* os estados e conexões psíquicas.

³⁷ No original: “Die Phänomenologie gibt uns eine Reihe von *Bruchstücken*, von Elementen des wirklich erlebten Seelischen in die Hand. Wir fragen nun alsbald, in welchen *Zusammenhängen* diese stehen. In manchen Fällen *verstehen wir, wie Seelisches aus Seelischem mit Evidenz hervorgeht*. Wir verstehen auf diese nur dem Seelischen gegenüber mögliche Weise, daß der Angegriffene zornig, der betrogene Liebhaber eifersüchtig wird, daß aus Motiven ein Entschluß und eine Tat hervorgeht. In der Phänomenologie vergegenwärtigen wir uns einzelne Qualitäten, einzelne als ruhend angesehene *Zustände*, wir verstehen *statisch*, hier erfassen wir die Unruhe des Seelischen, die Bewegung, den Zusammenhang, ein *Auseinanderhervorgehen*, wir verstehen *genetisch*. Im statischen Verstehen (*Phänomenologie*) erfassen wir gewissermaßen den Querschnitt des Seelischen, im genetischen Verstehen (*verstehende Psychopathologie*) den Längsschnitt”.

³⁸ Vale aqui uma observação sobre a estrutura da *Psicopatologia Geral* em sua primeira edição, publicada em 1913: ela difere das edições posteriores, sobretudo a partir da quarta. Não obstante, se, por um lado, a organização da obra se modificou, por outro, sua base metodológica fundamental – psicologia objetiva, compreensão estática (fenomenologia), compreensão genética (psicologia compreensiva) e explicação (psicologia explicativa) – permaneceu essencialmente a mesma. Não podemos nos esquecer de que, como mencionado em nota anterior, a partir da quarta edição Jaspers acrescenta um novo capítulo de cunho mais explicitamente filosófico: “O todo do ser humano” [*Das Ganze des Menschseins*]. A propósito, Kirkbright oferece uma interessante “análise crítica” das diferentes edições da *Psicopatologia Geral* (Kirkbright, 2008).

A primeira edição de 1913 é estruturada da seguinte forma: o primeiro capítulo intitula-se “As aparições subjetivas da vida psíquica mórbida (fenomenologia)” [*Die subjektiven Erscheinungen des kranken Seelenlebens (Phänomenologie)*]; o segundo, “Os sintomas objetivos e o desempenho da vida psíquica (psicologia objetiva)” [*Die objektiven Symptome und Leistungen*].

Preâmbulos para uma psicopatologia geral: Karl Jaspers entre ciência, filosofia e fenomenologia
BREA, Gerson

Essa forma de compreensão possui características próprias – e Jaspers, em diversos momentos, parece encontrar certa dificuldade em defini-la com precisão. Ora a denomina “genética”, ora de “empática” ou “psicológica”. Seja como for, trata-se de uma percepção subjetiva e imediata daquilo que se passa na psique humana. É algo próximo de uma “explicação psicológica” (Jaspers, 1913, p. 13), que, todavia, se distingue radicalmente das “explicações causais” próprias das ciências naturais e da psicologia objetiva. Daí a insistência de Jaspers em diferenciar de modo estrito “explicação” de “compreensão”. “A explicação de conexões causais objetivas que sempre são vistas de fora, nunca denominamos compreensão, mas sempre explicação” (Ibid., p. 14).

Esse modo de conhecer, próprio das ciências naturais, caracteriza-se pelo fato de se buscar por toda parte – inclusive em fenômenos psíquicos – “por causas e efeitos, pelas condições de [...]” (Jaspers, 1913, p. 147). Tal procedimento, que a princípio não reconhece limites, constitui um traço fundamental daquilo que se entende por ciência moderna. Tudo pode ser submetido ao ato de explicar, de buscar uma causa – em tudo se pode perguntar: ‘de onde’, ‘por que razões’? No caminho das ciências naturais não existem, ao menos em tese, barreiras que, a princípio, não possam ser superadas: é tarefa do cientista tentar transpô-las. A partir de explicações causais torna-se possível – e até necessário – desenvolver construtos teóricos que, “enquanto representações úteis e frutíferas”, auxiliam na elucidação de determinados fenômenos. Por meio de tais representações, estamos em condições de explicar, na psicopatologia, como, por exemplo, um distúrbio psíquico pode ser atribuída a fatores “extra-conscientes” [*Außerbewußtes*], isto é, externos. Para a psicologia explicativa, assim como para a pesquisa no âmbito das ciências naturais, as teorias são, de fato, indispensáveis.

Não são os limites da explicação que exigem que nos voltemos à compreensão, mas, antes, é a impossibilidade da compreensão que nos conduz à busca de explicações causais.

A psicologia compreensiva, por sua vez, caminha em outra direção – ou, melhor dizendo, percorre um outro caminho. Jaspers confessa: “*Em parte alguma* – nem na psicologia normal nem na psicopatologia – se elaborou, seja porque é impossível, seja porque é demasiado difícil, essa psicologia compreensiva de maneira coerente e *sistemática*” (Jaspers, 1913, p. 153).³⁹

A ela não interessam, em primeiro plano, experimentos, medições ou outros tipos de quantificações, mas sim o diálogo e a interação com os pacientes; não se orienta exclusivamente por manuais e tratados baseados em dados empíricos, mas busca inspirar-se e aprender com “sabedorias de vida, reflexões filosóficas e apreciações caracterológicas, nos escritos dos grandes ensaístas filosóficos” (Ibid.).

Também aqui, todavia, nos deparamos com relações ou conexões – *conexões* que, contudo, de modo algum se deixam explicar causalmente. Trata-se de “conexões da psique”. *Como algo psíquico resulta de algo psíquico*, compreende-se, intui-se por empatia – ou, para usar uma expressão cara a

des Seelenlebens (objektive Psychopathologie)]; o terceiro aborda “As conexões da vida psíquica: I. As conexões compreensivas” [*Die Zusammenhänge des Seelenlebens: I. Die verständlichen Zusammenhänge*]; o quarto, “As conexões da vida psíquica: II. As conexões causais” [*Die Zusammenhänge des Seelenlebens: II. Die kausalen Zusammenhänge*]; o quinto, “O todo da vida psíquica: inteligência e personalidade” [*Das Ganze des Seelenlebens: Intelligenz und Persönlichkeit*]; o sexto, “A síntese dos quadros clínicos” [*Die Synthese der Krankheitsbilder*]; e, por fim, o sétimo capítulo, “As relações sociológicas da vida psíquica anormal” [*Die soziologischen Beziehungen des abnormen Seelenlebens*].

³⁹ No original: “Nirgends, weder in der Normalpsychologie noch in der Psychopathologie hat man, sei es weil es unmöglich oder weil es zu schwierig ist, diese verstehende Psychologie zusammenhängend und systematisch bearbeitet”.

Preâmbulos para uma psicopatologia geral: Karl Jaspers entre ciência, filosofia e fenomenologia
BREA, Gerson

Jaspers, ainda que um tanto enigmática, por “um colocar-se no psíquico” [*ein Hineinversetzen in Seelisches*] (Ibid., p. 145). Enquanto as explicações causais nos lançam para fora da esfera psíquica, em busca de causas externas, a compreensão empática nos conduz para dentro das conexões psíquicas.

Ainda assim, há aqui, acredita Jaspers, clareza e evidência. O que se constata nessa esfera, porém, não permite sucessivas reduções, nem se pode ser fundamentado em uma outra evidência. E a frequência de sua incidência não contribui, de modo algum, para aumentar o grau de evidência. É por isso que, em contraste com as conexões causais, os fenômenos da compreensão não podem ser conduzidos nem reduzidos a teorias e fórmulas. Se na psicologia explicativa as teorias são indispensáveis, na psicologia compreensiva elas se tornam funestas. Jaspers adverte:

A tendência em geral de sempre tomar os conhecimentos causais e científico-naturais como os *únicos*, impediu a conscientização da autonomia dessa atividade e corrompeu tanto a pesquisa objetiva, trazendo para seu interior ‘explicações psicológicas’, como a compreensão pura, por meio de construções teóricas no sentido das ciências naturais (Jaspers, Ibid., p. 153)⁴⁰.

As lentes das teorias – inseparáveis da pretensão de exclusividade do modo de conhecimento próprio das ciências naturais – não apenas obscurecem o horizonte em que o fenômeno psíquico se manifesta, mas levam ao esquecimento da própria dimensão compreensiva da experiência: aquele modo de acesso em que o psíquico só pode ser apreendido por meio de um *colocar-se no lugar de*. Na esfera da compreensão, não há espaço para teses conclusivas e irrefutáveis, tudo permanece indeterminado e incerto. Quem procura compreender “nunca sabe com segurança, se chegou ao último limite”. Desse modo, se, de um lado, a explicação causal não encontra em parte alguma seus limites, de outro, a psicologia compreensiva encontra limites continuamente.

Diante dessa situação, é inevitável que se coloque uma questão: Se a psicologia compreensiva recusa decididamente explicações causais, desconfia de teorias e teorizações, esbarra a todo momento em limites e se move constantemente num terreno de incertezas – pode, ainda assim, reivindicar para si o nome de ciência?

9. Os esforços de Jaspers para elevar a psicopatologia ao nível de ciência caminham lado a lado com as tentativas de conferir um caráter científico à compreensão – científico, aqui, num sentido

⁴⁰ No original: “Die allgemeine Neigung, immer kausale und naturwissenschaftliche Erkenntnisse als die *einzigsten* anzusehen, brachte die Selbständigkeit dieser Forschung nie zu klarem Bewußtsein und verfälschte sowohl durch Hineintragen ‘psychologischen Erklärens’ die objektive Forschung, wie durch im naturwissenschaftlichen Sinne theoretische Konstruktionen das reine Verstehen”.

É precisamente nesse ponto que deve ser compreendida uma das principais críticas de Jaspers a Freud. Ele reconhece a importância das contribuições freudianas para a psicologia compreensiva. No momento, porém, em que Freud, segundo Jaspers, confunde compreensão com explicação e começa a construir teorias e sistemas causais, acaba comprometendo o núcleo mesmo da psicologia e da psicopatologia. “No caso de Freud, trata-se, na verdade, de uma psicologia *compreensiva*, e não de uma *explicação* causal, como o próprio Freud supõe”. No original: “Bei Freud handelt es sich tatsächlich um *verstehende* Psychologie, nicht um kausale Erklärung, wie Freud meint” (Jaspers, 1923, p. 330).

Preâmbulos para uma psicopatologia geral: Karl Jaspers entre ciência, filosofia e fenomenologia
BREA, Gerson

distinto daquele próprio das ciências naturais. Discussões sobre esse tema – assim como a diferenciação entre compreensão e explicação –, muito difundidas a partir da segunda metade do século XIX, permaneciam vivas não apenas nos círculos filosóficos, mas também em diversas áreas das humanidades, e eram debatidas igualmente entre psicólogos e psiquiatras.⁴¹ Os escritos psicopatológicos de Jaspers e, sobretudo, sua *Psicopatologia Geral* devem, sem dúvida, ser vistos como o resultado do esforço para consolidar o papel fundamental da compreensão na psicologia e na psicopatologia.

Todavia, não é apenas a ideia de uma *psicologia compreensiva* que marca sua proposta: Jaspers recorre também a outra proposta filosófica, que já se desenvolvia havia alguns anos e começava a se afirmar como um verdadeiro movimento: o *movimento fenomenológico*.

Não se pode esquecer: “fenomenologia” é, a princípio, nada mais que outro termo usado por Jaspers para designar a “compreensão estática”⁴² – e, portanto, um dos métodos fundamentais da psicopatologia. Enquanto a *compreensão genética* volta-se para “movimentos” e “conexões”, a *compreensão estática* – ou *fenomenologia* – procura apreender “elementos”, “estados” e “qualidades” isoladas. Sua tarefa primordial, resume Jaspers, é “tornar presentes intuitivamente os estados psíquicos, delimitá-los da forma mais clara possível, diferenciá-los e designá-los com termos fixos” (Ibid., p. 24).

Os estados e vivências psíquicas manifestam-se e podem – devem, por parte do psicólogo – ser apreendidos e diferenciados através de uma “atitude fenomenológica” (Jaspers, 1963 [1912], p. 318). Aqui, a fenomenologia tem sua inspiração na ideia de uma “psicologia descritiva”.⁴³ Em suma: contemplar, identificar, descrever, clarificar, classificar as “aparições subjetivas da vida psíquica patológica”, preparando o solo sobre o qual a atividade psicológica propriamente dita poderá ser exercida – essa é a tarefa fundamental da fenomenologia nos escritos psicopatológicos de Jaspers.

Uma introdução à fenomenologia, isto é, desenvolver a capacidade de descobrir e apreender fenômenos psíquicos, constitui, portanto, uma exigência imprescindível para o psiquiatra. Jaspers traça um paralelo: “Quem não possui olhos para ver, não deve praticar histologia; quem resiste ou é incapaz de presentificar [vivências] psíquicas, não pode compreender a fenomenologia” (Ibid., p. 318) e, conseqüentemente, não pode praticar nenhuma “psicologia subjetiva” (Jaspers, 1913, p. 94).

Mas que fenomenologia é essa? De onde ela vem?⁴⁴ De Husserl?

⁴¹ Em seu estudo sobre a influência de Max Weber na *Psicopatologia Geral* de Jaspers, Kumazaki (2013b) apresenta de forma clara o debate em torno do tema da relação entre “compreensão” e “explicação”, discutido à época, incluindo considerações sobre as conexões de Weber com Husserl, Simmel, Dilthey, Lipps e Rickert. Aragona, por sua vez, explora a possibilidade de uma influência de Max Weber sobre Jaspers no que diz respeito à compreensão empática (Aragona, 2019). Para a relação filosófica entre Jaspers e Dilthey, ver o estudo de Rickman (1987).

⁴² Segundo Bürgy, Jaspers transfere o método descritivo de Husserl para a psicopatologia e emprega o termo fenomenologia em um sentido “restrito” [eng], distinto daquele proposto por Husserl (Bürgy, 2009, p. 587).

⁴³ Não é fácil determinar com precisão, nem a origem, nem os limites da concepção da ‘psicologia descritiva’ em Jaspers, apesar de ele mesmo se referir, em seus estudos autobiográficos, a Husserl. O acurado estudo empreendido por Walter Baade, a partir de uma análise de alguns escritos psicopatológicos de Jaspers, inclusive da primeira edição *Psicopatologia Geral* (1913), ocupa-se também da questão de saber se há uma relação entre compreensão estática e a fenomenologia, de um lado, e a psicologia descritiva [*darstellende Psychologie*], de outro (Baade, 1915, p. 348 e seg.).

⁴⁴ Com certeza, não de Lambert! Segundo Claesges, “o conceito de fenomenologia é usado pela primeira vez por J. H. Lambert em sua obra principal ‘Neues Organon’ e fixado como um termo técnico. A fenomenologia constitui, como a quarta parte de uma teoria geral da ciência, a ‘teoria da aparência’ (Schein) e de sua influência sobre a correção e incorreção do conhecimento humano” (Claesges, 1989, p. 486, tradução minha).

Preâmbulos para uma psicopatologia geral: Karl Jaspers entre ciência, filosofia e fenomenologia
BREA, Gerson

Essas são questões difíceis de responder.⁴⁵ É verdade que Jaspers faz referência a Husserl já antes mesmo de empregar o termo “fenomenologia” em seus escritos. Em um artigo de 1910 intitulado “Os métodos do exame de inteligência e o conceito de demência”, o nome de Husserl aparece pela primeira vez. Trata-se, contudo, de uma menção bastante discreta, feita em nota de rodapé, logo após comentar a importância da “escola de Würzburg” e sua contraposição entre “sensações” [*Empfindungen*] e “atos” [*Akten*]. Nessa mesma nota, Jaspers destaca o trabalho de August Messer, *Empfindung und Denken* [Sensação e pensamento], que, segundo ele, “reúne os resultados dos trabalhos originais com os resultados correspondentes de Husserl” (Jaspers, 1963 [1910], p. 185, nota 1).

Somente em seu artigo seguinte, “Para a análise das percepções ilusórias (Corporeidade e juízo de realidade)”⁴⁶ – no qual o tema da “alucinação” é central –, Jaspers se aproxima mais claramente da fenomenologia, ao empreender uma análise da “percepção” [*Wahrnehmung*]. O interessante aqui é que, nesse estudo, ele introduz uma distinção metodológica entre “explicação” [*Erklärung*] e “análise” [*Analyse*] – e não, ainda, entre explicação e compreensão –, deixando claro que, enquanto “experimentos psicofísicos são os únicos meios pelos quais tais explicações podem ser fundamentadas”, a análise persegue outros objetivos:

O propósito da análise é a descrição, não a explicação. Ela comete imediatamente um erro fundamental quando hipostatiza seus elementos descritivos como se fossem elementos reais e isolados. As formações que a análise decompõe *não* se originaram dos componentes em que ela as divide. Seus elementos têm apenas o propósito de *poder caracterizar com maior precisão e distinguir com mais segurança* os processos psíquicos tal como realmente são (Jaspers, 1963 [1911], p. 194)⁴⁷.

Novamente, em uma nota de rodapé, Husserl é citado ao lado de Messer: “Sobre os atos e a orientação geral da decomposição aqui exercitada, ver as análises fenomenológicas de Husserl (*Investigações Lógicas*, vol. 2, Halle, 1901). Uma exposição acessível e panorâmica encontra-se em Messer, *Sensação e pensamento*, Leipzig, 1908” (Ibid.) No decorrer do trabalho, contudo, Jaspers dedica um pouco menos de duas páginas ao pensamento de Husserl (Ibid., p. 196-199) – reproduz

⁴⁵ A questão – ainda hoje polêmica – sobre a influência, em especial a de Husserl, na concepção jaspersiana de fenomenologia tem sido amplamente discutida. Binswanger, por exemplo, afirmava categoricamente: “Que sua [de Jaspers, GB] fenomenologia, entendida como doutrina das manifestações subjetivas da vida psíquica enferma, tenha sido confundida com a fenomenologia de Husserl, e que a Psicopatologia Geral pudesse ser considerada a obra padrão da direção fenomenológica, baseou-se no puro desconhecimento e mal-entendido” (Binswanger, 1943, p. 6, tradução minha). [No original: “Daß seine Phänomenologie, als Lehre von den subjektiven Erscheinungen des kranken Seelenlebens, mit der Phänomenologie Husserl’s verwechselt werden, die Allgemeine Psychopathologie als Standardwerk der phänomenologischen Richtung bezeichnet werden konnte, beruhte auf reiner Unkenntnis und Mißverständnis”].

Sobre essa polêmica existe, há algum tempo, uma literatura relativamente extensa, da qual destaco alguns trabalhos que foram importantes para a presente investigação: Spiegelberg (1972), Berrios (1992), Langenbach (1995), Luft (2008), Kumazaki (2013), Häfner (2015) e Holanda/Portugal (2022).

⁴⁶ *Zur Analyse der Trugwahrnehmungen (Leibhaftigkeit und Realitätsurteil)* (Jaspers, 1963 [1911], p. 191-251).

⁴⁷ No original: “Der Zweck der Analyse ist Beschreibung, nicht Erklärung. Sie begeht sofort einen fundamentalen Fehler, wenn sie ihre deskriptiven Elemente als reale, isolierte Elemente hypostasiert. Die Gebilde, die die Analyse zergliedert, sind *nicht* aus den Bestandteilen, in die sie dieselben zerlegt, *entstanden*. Ihre Elemente haben nur den Zweck, die psychischen Vorgänge, so wie sie wirklich sind, *bestimmter charakterisieren und sicherer unterscheiden zu können*”.

Preâmbulos para uma psicopatologia geral: Karl Jaspers entre ciência, filosofia e fenomenologia
BREA, Gerson

algumas ideias, cita uma passagem⁴⁸ e procura expor certos conceitos, referindo-se sobretudo à quinta *Investigação*. Ele menciona alguns termos, como “vivências intencionais” e “atos”, e, por fim, acredita estar ao lado de Husserl – e não de Messer – quando afirma: “Primeiro, um objeto deve estar aí para nós. Este é então, imediatamente, ou em carne e osso [*leibhaftig*] ou por imagem [*bildhaftig*]” (Ibid., 213).

Se considerarmos tanto as referências diretas a Husserl quanto a discussão de seu pensamento, este é o único artigo em que isso ocorre de maneira explícita. Uma leitura atenta revela, além disso, que nem o artigo “A orientação da pesquisa fenomenológica na psicopatologia” nem as passagens dedicadas à fenomenologia em sua *Psicopatologia Geral* se detêm nas questões propriamente filosóficas suscitadas pela fenomenologia husserliana.

Não obstante, Jaspers escolhe designar sua concepção de “compreensão estática” com o termo “fenomenologia”. Mais do que isso: tudo indica que, mesmo concentrando-se quase exclusivamente na proposta de uma psicologia descritiva, acreditava, na época, de fato estar em sintonia com o espírito fenomenológico.⁴⁹

Jaspers busca estabelecer contato com Husserl e, em 1911, envia-lhe o artigo “Para a análise das percepções ilusórias (Corporeidade e juízo de realidade)”.⁵⁰ Em carta datada de 17 de outubro do mesmo ano, Husserl reage cordialmente ao envio e expressa sua satisfação com a “reforma na psiquiatria”:

Compreendo que os psiquiatras reconheceram melhor e mais rapidamente o significado fundamental da fenomenologia imanente para uma psicologia verdadeiramente científica e útil do que os psicólogos experimentais, que se deixam guiar – o que é compreensível, dado o surgimento da moderna psicologia experimental – por suas próprias questões e métodos” (Jaspers, 2016a, p. 376)⁵¹.

⁴⁸ Trata-se da seguinte passagem: “Vejo uma coisa, por exemplo, esta caixa; não vejo as minhas sensações. Vejo sempre esta mesma caixa, *uma e mesma*, por mais que *a gire* ou *a volte*”. No original: “Ich sehe ein Ding, z. B. diese Schachtel, ich sehe *nicht* meine Empfindungen. Ich sehe immerfort *diese eine und dieselbe* Schachtel, wie immer sie gedreht und gewendet werden mag” (Jaspers, 1963 [1911], p. 194). Observa-se que Jaspers cita literalmente Husserl (*Logische Untersuchungen*, A 361), com uma leve diferença no destaque do texto. A tradução da passagem segue literalmente a versão portuguesa das *Investigações Lógicas* (Husserl, 2012, p. 328).

⁴⁹ Estar em “sintonia” não significa que Jaspers se considerasse um ‘fenomenólogo’ ou que vislumbrasse estar inaugurando algo como uma ‘psicopatologia fenomenológica’. Longe disso. No prefácio à sétima edição da obra (1959), Jaspers afirma: “Quando, no entanto, meu livro foi ocasionalmente designado como representante da corrente fenomenológica ou da corrente da psicologia compreensiva, isso é apenas parcialmente correto, na medida em que seu propósito era mais amplo: o esclarecimento dos métodos da psiquiatria em geral – de suas formas de concepção e de seus caminhos de investigação” (Jaspers, 1973, p. V). [No original: Wenn jedoch mein Buch gelegentlich als Repräsentant der phänomenologischen Richtung oder der Richtung verstehender Psychologie benannt wurde, so ist das insofern nur halb richtig, als sein Sinn umfassender war: die Klärung der Methoden der Psychiatrie überhaupt, ihrer Auffassungsweisen und Forschungswege].

⁵⁰ É, no mínimo, curioso que, provavelmente quase ao mesmo tempo, Jaspers, em carta a Gruhle datada de 17 de agosto de 1911, não esconda seu entusiasmo por outro filósofo e outra obra: Immanuel Kant e sua *Crítica da razão pura*. “As percepções que se adquirem através de Kant são incomparáveis”, escreve ele, recomendando ao colega a leitura e chegando a afirmar que, em comparação com Kant, Lipps, Wundt e Husserl “todos eles valem pouco” (Jaspers, 2016b, p. 99).

⁵¹ No original: “Ich begreife, daß die Psychiater besser und rascher die grundlegende Bedeutung der immanenten Phänomenologie für eine wirklich wissenschaftliche und nützliche Psychologie erkannt haben als die Experimentalpsychologen, die sich (was aus der Entstehung der modernen exp. Psychologie verständlich ist) in ihren Fragestellungen und Methoden leiten lassen.”

Preâmbulos para uma psicopatologia geral: Karl Jaspers entre ciência, filosofia e fenomenologia
BREA, Gerson

Respondendo a um provável questionamento de Jaspers, Husserl acrescenta, na mesma carta: “Não precisa se preocupar por não conseguir formar uma ideia inteiramente clara do que propriamente seja a fenomenologia. Isso, com efeito, conduz aos mais profundos problemas filosóficos” (Ibid.).⁵² Por fim, recomenda a leitura de seu trabalho *Filosofia como ciência rigorosa*.

No ano seguinte, em 1912, Jaspers envia-lhe, então, seu recém-publicado artigo “A orientação da pesquisa fenomenológica na psicopatologia”. Também a ele Husserl responde, em carta de 19 de maio, prometendo lê-lo em breve, e faz uma observação interessante que demonstra certa irritação pelo fato de Jaspers tê-lo citado juntamente com Theodor Lipps (Ibid., p. 375). De fato, em seu artigo, Jaspers afirmara: “Na esfera da investigação psicológica, E. Husserl deu o primeiro passo crucial em direção a uma fenomenologia sistemática, seus antecessores nisto havendo sido Brentano e sua escola, assim como Th. Lipps” (Jaspers, 2005, p. 772).

Não vem ao caso aqui narrar a história dos encontros – e desencontros – entre Jaspers e Husserl, tampouco examinar em detalhe por que Jaspers reagiu com tanta reserva à ideia de uma “filosofia como ciência” ou por que recusou decididamente a virada transcendental promovida por Husserl.⁵³

Ainda assim, convém lembrar que, ao buscar conferir à psicopatologia um caráter científico – elevá-la ao nível de uma ciência –, Jaspers toma de Husserl algumas ideias de sua “psicologia descritiva” e, sobretudo, o termo “fenomenologia”. De outro lado – e isso, aliás, não é incomum entre os “discípulos” de Husserl –, ele desenvolve uma concepção própria de fenomenologia e a introduz de modo consequente em sua *Psicopatologia Geral*.

10. Em sua *Autobiografia Filosófica*, Jaspers faz, retrospectivamente, já como filósofo consagrado, algumas observações significativas sobre o percurso que o levou à elaboração da *Psicopatologia Geral*. Optamos, contudo, por não considerá-las diretamente neste artigo, preferindo manter o olhar voltado apenas para seus escritos psicopatológicos e destacar alguns momentos decisivos do caminho então percorrido.

Uma passagem, todavia, merece ser lembrada, a título de conclusão, pois parece expressar a permanente tensão entre filosofia e ciência, bem como sintetizar, de modo exemplar, aquilo que Jaspers, em um de seus trabalhos, *en passant*, chamou de “atitude fenomenológica”:

Em toda parte, combati aquilo que era mero falatório sem autêntico conhecimento – sobretudo as “teorias”, que desempenhavam um papel tão grande na linguagem psiquiátrica. Mostrei que as teorias psicológicas, embora formuladas por analogia com as teorias das ciências naturais, jamais adquiriram o caráter destas. [...] Nesse caminho tratava-se, na verdade, apenas de comparações, que, quando muito, pareciam ter alguma plausibilidade, mas que podiam assumir formas múltiplas, nunca coincidiam com os fatos e jamais eram radicalmente verificáveis. Essas comparações eram falsamente transformadas em realidades subjacentes. Em todo pensamento – e, por conseguinte, também nesse

⁵² No original: “Es braucht Ihnen keine Sorge zu machen, daß Sie sich nicht ganz klar darüber werden können, was eigentlich Phänomenologie sei. Das führt freilich auf tiefste philos. Probleme.”

⁵³ Deve-se ter sempre em mente que, ao tratar da “fenomenologia” em Jaspers, não se está falando da fenomenologia transcendental de Husserl. A única obra de Husserl relevante nesse contexto é a primeira edição das *Investigações Lógicas* (1900–1901), anterior à virada transcendental.

Preâmbulos para uma psicopatologia geral: Karl Jaspers entre ciência, filosofia e fenomenologia
BREA, Gerson

pensamento teórico – procurei, contudo, encontrar o elemento que tivesse um valor positivo para a ciência. Assim, na minha “Psicopatologia”, apresentei uma sistemática das teorias como meios de descrever, por meio de analogias, aquilo que, de outro modo, permaneceria fora do horizonte do conhecimento. O que importava era ter uma visão de conjunto das possíveis imagens e não sucumbir a nenhuma delas. [...] Pois o ser humano, enquanto totalidade, está além de toda objetivação apreensível. Ele é inacabável – como ser para si mesmo e como objeto de conhecimento para o pesquisador. Permanece, por assim dizer, aberto. O ser humano é sempre mais do que aquilo que sabe – e pode saber – de si mesmo (Jaspers, 1984, p. 24 e seg.)⁵⁴.

REFERÊNCIAS

- ARAGONA, Massimiliano. The influence of Max Weber on the concept of empathic understanding (Verstehen) in the psychopathology of Karl Jaspers. **History of Psychiatry**, Vol. 30 (3), 2019, p. 283–299.
- BAADE, Walter. Über die Vergegenwärtigung von psychischen Ereignissen durch Erleben, Einfühlung und Repräsentation, sowie über das Verhältnis der Jaspersschen Phänomenologie zur darstellenden Psychologie. **Zeitschrift für die gesamte Neurologie und Psychiatrie**. Berlin: Springer, Vol. 29, 1915, p. 347-378.
- BERRIOS, G. E. Phenomenology, psychopathology and Jaspers: a conceptual history. **History of Psychiatry**, Vol 3, 1992, p. 303-327.
- BÜRGY, Martin. Zur Geschichte und Phänomenologie des Psychose-Begriffs. Eine Heidelberger Perspektive (1913-2008). **Der Nervenarzt**, Vol. 80, n. 5, 2009, p. 584-592.
- CLAESGES, Ulrich. Phänomenologie. In: GRÜNDER, Karlfried, **Historisches Wörterbuch der Philosophie**. Basel: Schwabe & Co., 1989. Vol. 7, p. 486-505.
- HEIDEGGER, Martin. Notas sobre a “Psicologia das visões de mundo” de Karl Jaspers. In: HEIDEGGER, Martin. **Marcas do caminho**. Tradução de Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 11-55.

⁵⁴ No original: “Überall bekämpfte ich das, was Gerede ohne wirkliche Erkenntnis war, insbesondere die “Theorien”, die in der psychiatrischen Sprache eine so große Rolle spielten. Ich legte dar, daß die psychologischen Theorien zwar nach Analogie der naturwissenschaftlichen Theorie aufgestellt waren, daß sie aber nie den Charakter naturwissenschaftlicher Theorien gewonnen haben. [...] Denn es handelt sich auf diesem Weg in der Tat nur um Gleichnisse, die allenfalls eine gewisse Plausibilität zu haben schienen, aber auf vielfache Weise möglich waren, nie stimmten, nie radikal nachprüfbar waren. Sie würden fälschlich in Realitäten eines Zugrundeliegenden verwandelt. In jedem Denken, daher schließlich denn auch in diesem theoretischen Denken suchte ich jedoch das Moment zu finden, das einen positiven Wert für die Wissenschaft hatte. So stellte ich in meiner “Psychopathologie” eine Systematik der Theorien dar als der Mittel, durch Gleichnisse zu beschreiben, was sonst außerhalb des Horizonts des Erkennens bliebe. Es kam darauf an, die möglichen Bilder zu überblicken und keinem zu verfallen. [...] Denn der Mensch als Ganzes liegt hinaus über jede fälschliche Objektivierbarkeit. Er ist unvollendbar als Wesen für sich selber und als Erkenntnisgegenstand für den Forscher. Er bleibt gleichsam offen. Der Mensch ist immer mehr als er von sich weiß und wissen kann”.

Preâmbulos para uma psicopatologia geral: Karl Jaspers entre ciência, filosofia e fenomenologia
BREA, Gerson

HOLANDA, Adriano F.; PORTUGAL, Victor L. C. A tensão acerca da aplicação da fenomenologia: Jaspers e a psicopatologia fenomenológica. **Revista Subjetividades**, 21 (3), 2021.

JASPERS, Karl. **Gesammelte Schriften zur Psychopathologie**. Berlin, Göttingen, Heidelberg, New York: Springer Verlag, 1963.

JASPERS, Karl. **Philosophische Autobiographie**. Erweiterte Neuausgabe. 2.ed. München: R. Piper & Co. Verlag, 1977.

JASPERS, Karl. **Psicopatologia Geral**: psicologia compreensiva, explicativa e fenomenologia. Tradução de Samuel Penna Aarão Reis. Volumes 1 e 2. Rio de Janeiro, São Paulo: Livraria Atheneu, 1987.

JASPERS, Karl. A abordagem fenomenológica em psicopatologia. Traduzido para o português por Adriano C. T. Rodrigues. In: **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, Ano VIII, n. 4, dezembro/2005, p. 769-787.

JASPERS, Karl. **Allgemeine Psychopathologie**. Ein Leitfaden für Studierende, Ärzte und Psychologen, Berlin: Verlag von Julius Springer, 1913.

JASPERS, Karl. **Allgemeine Psychopathologie**. 3.ed. Für Studierende, Ärzte und Psychologen, Berlin, Heidelberg: Springer Verlag, 1923.

JASPERS, Karl. **Allgemeine Psychopathologie**. 9. ed. Berlin, Heidelberg, New York: Springer Verlag, 1973.

JASPERS, Karl. **Korrespondenzen. Philosophie**. Org. por Dominc Kaegi e Reiner Wiehl. Göttingen: Wallstein Verlag, 2016a.

JASPERS, Karl. **Korrespondenzen. Psychiatrie – Medizin – Naturwissenschaften**. Org. por Matthias Bormuth e Dietrich von Engelhardt. Göttingen: Wallstein Verlag, 2016b.

JASPERS, Karl. **Psychologie der Weltanschauungen**. Berlin, Heidelberg: Springer-Verlag, 1960 (orig. 1919).

JASPERS, Karl. Studium 1901-1907. Autobiographische Schrift (Teil 1). In: **Jahrbuch der Österreichischen Karl-Jaspers-Gesellschaft 9**. Innsbruck, Wien: StudienVerlag, 1996, p. 9-45.

JASPERS, Karl. Studium 1901-1907. Autobiographische Schrift (Teil 2). In: **Jahrbuch der Österreichischen Karl-Jaspers-Gesellschaft 10**. Innsbruck, Wien: StudienVerlag, 1997, p. 7-59.

JASPERS, Karl. **Philosophie**. 3 Vol. München, Zürich: Piper, 1994 (orig. 1932).

JASPERS, Karl. Wahrheit und Wissenschaft (1960). In: JASPERS, Karl. **Philosophische Aufsätze**. Frankfurt a. M, Hamburg: Fischer-Bücherei, 1967, p. 62-77.

KIRKBRIGHT, Suzanne. Ein kritischer Vergleich zwischen den verschiedenen Auflagen von Karl Jaspers' Allgemeiner Psychopathologie. In: RINOFNER-KREIDL, Sonja e WILTSCHE, Harald A. (Org.). **Karl Jaspers' Allgemeine Psychopathologie zwischen Wissenschaft, Philosophie und Praxis**. Würzburg: Königshausen & Neumann, 2008, p. 21-29.

KIRKBRIGHT, Suzanne. **Karl Jaspers: A Biography**. Navigations in Truth. Yale University Press, 2004.

KUMAZAKI, Tsutomu. The theoretical root of Karl Jaspers' General Psychopathology. Part 1: Reconsidering the influence of phenomenology and hermeneutics. In: **History of Psychiatry**, Vol. 24 (2), 2013a, p. 212-226.

Preâmbulos para uma psicopatologia geral: Karl Jaspers entre ciência, filosofia e fenomenologia
BREA, Gerson

KUMAZAKI, Tsutomu. The theoretical root of Karl Jaspers' General Psychopathology. Part 2: The influence of Max Weber. **History of Psychiatry**, Vol. 24 (3), 2013b, p. 259–273.

LANGENBACH, Michael. Phenomenology, intentionality, and mental experiences: Edmund Husserl's *Logische Untersuchungen* and the first edition of Karl Jaspers's *Allgemeine Psychopathologie*. In: **History of Psychiatry**, vi, S. 209-224, 1995.

LUFT, Sebastian. Zur phänomenologischen Methode in Karl Jaspers' Allgemeiner Psychopathologie. In: RINOFER-KREIDEL, S.; WILTSCHE, H. A. (org.). **Karl Jaspers' Allgemeine Psychopathologie zwischen Wissenschaft, Philosophie und Praxis**. Würzburg: Königshausen & Neumann, p. 31-51.

MARAZIA, Chantal. Einleitung der Herausgeberin. In: **Karl Jaspers Gesamtausgabe. Vol I/3: Gesammelte Schriften zur Psychopathologie**. Editada por Chantal Marazia. Basel: Schwabe Verlag, 2019.

MESSER, August. **Empfindung und Denken**. Leipzig: Quelle & Meyer, 1908.

RICKMAN, Hans P. The Philosophic Basis of Psychiatry: Jaspers and Dilthey. In: **Philosophy of the Social Sciences**, Newbury Park, Calif., 17, vol. 2, 1987, p. 173-196.

SANER, Hans. **Karl Jaspers in Selbstzeugnissen und Bilddokumenten**. Hamburg: 1996.

SPIEGELBERG, Herbert. **Phenomenology in Psychology and Psychiatry**. Evanston: Northwestern University Press, 1972.